

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

ANA JÚLIA BONEZ GAMLA

“Porto Alegre já dá vertigens”:
as reformas urbanas de Loureiro da Silva nas páginas da
Revista do Globo (1937-1943)

PORTO ALEGRE
2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

ANA JÚLIA BONEZ GAMLA

“Porto Alegre já dá vertigens”:
as reformas urbanas de Loureiro da Silva nas páginas da
Revista do Globo (1937-1943)

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial à obtenção de título de
licenciada em História.

Orientadora: Prof^a Dr^a Claudia Mauch

PORTO ALEGRE
2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
NÚCLEO ACADEMICO ADMINISTRATIVO DE GRADUAÇÃO
Departamento de História

ATA DE TCC

Em 01 de dezembro de 2021, às 16 horas, reuniram-se em ambiente virtual Mconf: <https://mconf.ufrgs.br/webconf/00048124>, a banca examinadora composta pelas Professoras Claudia Mauch (Orientadora- Departamento de História/IFCH/UFRGS), Cássia Macedo da Silveira (Departamento de História/IFCH/UFRGS) e Marisângela Martins (Doutora em História/UFRGS) para proceder à defesa do Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em História da aluna **Ana Júlia Bonez Gamla** (matrícula 276310), intitulado: *“Porto Alegre já dá vertigens”*: as reformas urbanas de Loureiro da Silva nas páginas da Revista do Globo (1937-1943). Após arguição a aluna foi considerada APROVADA pelos membros da banca examinadora, conferindo-lhe o seguinte conceito final: A . Nada mais a tratar, eu Claudia Mauch, presidente da banca examinadora, dou por encerrada esta sessão pública.

Porto Alegre, 01 de dezembro de 2021

Profa. Claudia Mauch- orientadora

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer à professora dr. Claudia Mauch, minha orientadora, pela atenção, paciência e orientação durante a elaboração deste trabalho. Agradeço à professora dr. Cássia Macedo da Silveira e a dr. Marisângela Martins por aceitarem participar da banca examinadora. Também agradeço a equipe do Delfos - Espaço de Documentação e Memória Cultural que gentilmente disponibilizaram todas as edições da Revista do Globo que foram utilizadas neste trabalho.

Da primeira tentativa de realizar o trabalho, agradeço a equipe do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa por possibilitar o acesso às edições da revista Kodak, e também a historiadora Alice Dubina Trusz por indicar o acervo da Revista do Globo para a realização deste trabalho.

A parte de agradecimentos no Trabalho de Conclusão de Curso permite refletir sobre os anos de formação e transformação da autora, assim se faz necessário agradecer não só aqueles que influenciaram diretamente na elaboração do trabalho como também aqueles que indiretamente proporcionaram a conclusão desses anos de graduação. Assim, gostaria de começar agradecendo a todos os professores que passaram pela minha vida, desde a Educação Básica- dando destaque para a E.M.E.M. Alfredo Aveline, onde estudei desde o Ensino Fundamental até o Ensino Médio- até o Ensino Superior. Agradeço também a Ângela, da equipe do Museu de História da Medicina do Rio Grande, por ter sido a primeira oportunidade (em 2018) de colocar em prática o conhecimento adquirido na graduação, além de agradecer aos colegas da época (Arthur, Bruno, Daniela, Pablo e Pietro) pelas trocas e risadas que levarei para a vida.

Gostaria de agradecer também a equipe do Núcleo de Pesquisa em História que durante os anos que participei do projeto de extensão me acolheram. Agradeço muito ao Tiago Ribeiro e a Marisângela Martins (novamente e eternamente) por terem elaborado o projeto de extensão *Vivenciando Desigualdades* e possibilitado a minha participação. As leituras, pesquisas e discussões foram fundamentais para a minha formação e elaboração deste Trabalho de Conclusão de Curso. O projeto tem um potencial enorme em relação ao conhecimento histórico e me sinto imensamente agradecida por ter participado.

Não poderia deixar de agradecer aos amigos que fiz durante esses anos e que mesmo longe, tem um lugar especial no meu coração. Especialmente a Julia, Karolini (com quem dividi a casa por quatro anos) e a Mariana, que proporcionaram risadas e histórias para contar. Agradeço também a minha família, em especial a minha tia Soleci e meu primo Alexandre, pelo apoio dado quando me mudei para Porto Alegre. Agradeço a minha psicóloga Julie pelo suporte pois falar e entender o que estava acontecendo ao meu redor facilitou a elaboração deste trabalho. E por fim, mas não menos importante, agradeço aos meus pais, Alfonso e Claudete, cujo apoio e afeto foram fundamentais para minha formação e que sem eles este trabalho não existiria. Minha gratidão a eles é vitalícia!

RESUMO

Desde os fins do século XIX, a cidade de Porto Alegre passou por transformações urbanas que moldaram não só o espaço como também o imaginário de seus habitantes. As reformas eram assim dotadas de questões morais relacionadas à renovação do espaço urbano e o progresso higiênico. Neste trabalho, pretende-se tratar das reformas urbanas do período entre 1937 e 1943 comandadas pelo prefeito Loureiro da Silva. Para tanto, a *Revista do Globo* será utilizada como fonte para analisar as percepções de seus editores sobre essas reformas e suas consequências para a cidade de Porto Alegre. Os conceitos de modernidade e imaginário servirão para entendermos de onde vem essas percepções em um contexto onde o poder público buscava diversas formas de legitimação.

Palavras-chave: modernidade; Revista do Globo; reformas urbanas; Loureiro da Silva

ABSTRACT

Since the end of XIX century, the city of Porto Alegre went through urban transformations that shaped not only the space but also the imaginary of its inhabitants. The reforms were thus endowed with moral questions related to the renewal of urban space and hygienic progress. In this work, it is intended to deal with the urban reforms of the period between 1937 and 1943 commanded by the mayor Loureiro da Silva. To this end, the *Revista do Globo* will be used as a source to analyze the perceptions of its editors about these reforms and their consequences for the city of Porto Alegre. The concepts of modernity and imagery will serve to understand where these perceptions come from in a context where the public power sought various forms of legitimation.

Keywords: modernity; *Revista do Globo*; urban reforms; Loureiro da Silva.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1:	“Livraria do Globo: a pioneira das artes gráficas no Sul do Brasil”	16
Figura 2:	“A nossa fotografia”	20
Figura 3:	“A remodelação de Porto Alegre”	30
Figura 4:	Vista aérea	31
Figura 5:	“Inauguração da Avenida Piratini”	32
Figura 6:	“Inauguração da Avenida 10 de Novembro”	32
Figura 7:	“Inauguração da Avenida Farrapos”	33
Figura 8:	“Visita às obras do Riacho”	34
Figura 9:	“Panorama Inesquecível”	35
Figura 10:	“Zonas populosas atingidas pelas águas”	36
Figura 11:	7ª reunião do Conselho do Plano Diretor	38
Figura 12:	“Quatro Personagens”	39
Figura 13:	“O Amigo Número Um de Porto Alegre- Loureiro da Silva”	40
Figura 14:	Propaganda construtora Azevedo, Moura & Gertum	43
Figura 15:	Propaganda da construtora Dahne, Conceição & Cia.	44
Figura 16:	“Novos Aspectos de Porto Alegre”	45
Figura 17:	“Novos Aspectos de Porto Alegre 3: Edifício Renner”	46
Figura 18:	“Porto Alegre já dá vertigens”	47
Figura 19:	“Porto Alegre, metrópole moderníssima”	48
Figura 20:	Prédios no centro da cidade	50
Figura 21:	“O clube dos jornalheiros”	56
Figura 22:	A “maloca”	57
Figura 23:	“O drama dos marginais...”	58
Figura 24:	“Constroem assim...”	59

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1- “O magazine que apresenta a melhor e mais completa leitura do Brasil”: a influência da Livraria do Globo e o surgimento da <i>Revista</i>	15
CAPÍTULO 2- “Porto Alegre, metrópole moderníssima”: as reformas urbanas nas páginas da <i>Revista do Globo</i>	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
FONTES	64
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	64
ANEXO	67
ANEXO 1- “12 Anos de Vida”	67
ANEXO 2- Algumas páginas da edição sobre a enchente de 1941...	68
ANEXO 3- Capa da edição especial sobre a enchente em 1941.....	71
ANEXO 4- Continuação da reportagem sobre a “Remodelação de Porto Alegre”	72
ANEXO 5- Fotografias da nova filial da Livraria do Globo no Rio de Janeiro	75
ANEXO 6- Fotografias da 6ª Reunião do Conselho do Plano de Urbanização	76
ANEXO 7- Fotografias das máquinas e obras no Caminho do Meio.....	77
ANEXO 8- Fotografias da 4ª Reunião do Conselho do Plano Diretor	78
ANEXO 9- Reportagem sobre o início das construções do Edifício SULACAP	79

INTRODUÇÃO

A cidade de Porto Alegre, desde fins do século XIX, passou por transformações que mudaram alguns aspectos urbanos e a afastaram do seu passado colonial. Desde melhoramentos na infraestrutura até reformas monumentais e alargamento de avenidas, Porto Alegre e sua população foram modificadas em nome do progresso.

O desenvolvimento da cidade foi acompanhado pelo desenvolvimento da imprensa, que foi utilizada por muitos grupos para manifestar e difundir suas ideias. Dessa forma, nas páginas dos impressos era possível acompanhar as mudanças que ocorriam na cidade nas primeiras décadas do século XX. Além das novas técnicas empregadas na elaboração daqueles impressos, novos veículos foram nascendo. Foi o caso das revistas, que começaram a circular por volta dos anos 1910. As revistas foram um movimento nacional, com destaque para a *Fon-Fon* do Rio de Janeiro, e em Porto Alegre, a revista *Kodak* e *A Máscara*. Entretanto, em 1929 surgiu a revista que centralizou essa diversidade de publicações: a *Revista do Globo*.

A revista teve como um de seus editores mais famosos o escritor Érico Veríssimo e circulou até final dos anos 1960. Seu conteúdo era variado, passando por assuntos como moda, literatura, eventos sociais e acontecimentos internacionais, entre outros. Neste trabalho, entende-se a revista como uma forma de difundir e reiterar uma determinada visão do período em que ela circulava. Assim, O presente trabalho pretende analisar como as reformas urbanas da cidade de Porto Alegre apareciam na *Revista do Globo* no período de 1937 a 1943 e a partir disso, se perguntar: que visões a *Revista* construía sobre a modernidade urbana?

Este trabalho surgiu pelo interesse na história da cidade de Porto Alegre e sua urbanização e pelos trabalhos da historiadora Sandra Jatahy Pesavento relacionados a História Cultural e História Cultural do urbano. Entretanto, era necessário encontrar uma fonte que pudesse responder às questões levantadas sobre essa modernidade urbana. A primeira fonte consultada foi a revista *Kodak* que circulou nos anos de 1910, assim o trabalho teria um outro contexto, o início do século XX, e o conteúdo a ser analisado não eram suas reportagens, mas sim as suas charges. Essa primeira consulta não teve muito sucesso devido a insuficiência de edições da revista, então,

a partir de uma sugestão da pesquisadora Alice Trusz que trabalhou com a Kodak, decidiu-se trabalhar com a Revista do Globo.

Dessa forma, ao falar da cidade de Porto Alegre que era impactada pelas mudanças sociais, políticas, culturais e urbanísticas, este trabalho acaba trazendo escritos da área de Arquitetura e Urbanismo para dialogar com o tema e complementar alguns estudos que ultrapassam o campo da História. Nesse sentido, foram utilizados alguns trabalhos que abordam tanto a questão urbanística e a própria cidade em um sentido mais geral como a urbanização no período da administração do Loureiro da Silva. Sobre o primeiro se destaca o trabalho de Sandra Pesavento sobre história cultural do urbano, nos direcionando a pensar “que importa resgatar, do ponto de vista da história cultural urbana, é que a “cidade do desejo”, realizada ou não, existiu como elaboração simbólica na concepção de quem a projetou e a quis concretizar” (PESAVENTO, 1995, p.283). Assim, as transformações urbanas conduzidas por Loureiro da Silva também tiveram uma dimensão simbólica relacionada à renovação e à organização do espaço urbano.

Já sobre o segundo temos os trabalhos de Adriana Bednarz (2011) e Marília Lemos (2009) que tratam das reformas e do urbanismo em Porto Alegre durante o Estado Novo através da imprensa. Assim, essas monografias ajudaram a entender tanto questões relacionadas ao papel dos jornais ao abordarem as reformas como as consequências delas na cidade. Ainda sobre as transformações comandadas por Loureiro da Silva, tem-se as monografias Maria Soares de Almeida (2004) e Silvio Belmonte de Abreu Filho (2006) que tratam das questões administrativas e urbanísticas, respectivamente, das reformas. Além delas, a tese de Anna Paula Canez (2006), que trata sobre a vida e a influência de Arnaldo Gladosch para a arquitetura e urbanização de Porto Alegre, é importante para reconhecermos o envolvimento do arquiteto e urbanista que dirigiu o Conselho do Plano Diretor e que caiu em ostracismo.

Para incrementar a questão urbana, tem-se os trabalhos de Cláudia Mauch (1994; 2004), Marcus de Freitas Rosa (2014), Rodrigo Weimer (2018), Sandra Pesavento e Vinicius Furini (2018) que auxiliam a evidenciar as questões morais relacionadas às transformações da cidade e seus habitantes. Além disso, o presente trabalho também trata sobre a *Livraria do Globo* e seus empreendimentos, assim, temos trabalhos de áreas variadas como, por exemplo, a História da Arte, que através da tese Paula Viviane Ramos (2007) busca analisar os ilustradores que contribuíram

para o visual da Livraria. A tese resultou em um livro e uma exposição chamados *A Modernidade Impressa- Artistas Ilustradores da Livraria do Globo* (2016).

Já dentro do próprio campo da História, a Revista já foi usada para os pesquisadores analisarem diferentes temáticas que fizeram parte do contexto em que ela estava inserida. Como é o exemplo dos trabalhos desenvolvidos por Marisângela Martins que tratam do comunismo e da União Soviética na Revista e do papel de Justino Martins, diretor da publicação e filiado do PCB no período de 1939 até 1947. Cabe comentar que além do conteúdo literário, das publicidades, dos textos sobre comportamento feminino e o acompanhamento dos acontecimentos da cidade, durante esse período, a Revista do Globo está repleta de reportagens sobre a Segunda Guerra Mundial. Ainda, a dissertação de Fabiana Ioris (2003) se relaciona diretamente com o este trabalho pois trata dos conceitos de modernidade e urbanização no discurso editorial dos primeiros anos da Revista.

Dito isto, neste trabalho, que aborda as transformações ocorridas na administração de Loureiro da Silva, o conceito de modernidade também se torna relevante pois é em nome dela - e do progresso - que essas mudanças ocorrem. Para tanto iremos recorrer ao trabalho de Marshall Berman (1986) pois apresenta a modernidade enquanto uma experiência - no espaço e tempo - compartilhada a partir das várias mudanças no mundo capitalista. Além disso, essa experiência é paradoxal pois ao mesmo tempo em que seduz também deixa angustiado por causa das mudanças. Da mesma forma, o conceito de imaginário se torna relevante para investigar e pensar as imagens que se tinham das mudanças urbanas e que eram construídas e divulgadas nas páginas da revista. O trabalho de Sandra Pesavento é apropriado pois trabalha com o conceito de imaginário em questões da cidade. Segundo seu trabalho:

Entende-se por imaginário um sistema de idéias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo.

A ideia do imaginário como sistema remete à compreensão de que ele constitui um conjunto dotado de relativa coerência e articulação. A referência de que se trata de um sistema de representações coletivas tanto dá a ideia de que se trata da construção de um mundo paralelo de sinais que se constrói sobre a realidade, como aponta para o fato de que essa construção é social e histórica. (PESAVENTO, 2012, p.43)

Sendo assim, nos apoiamos em conceitos da História Cultural para elaborar este trabalho, pois acredita-se que dessa forma será possível compreender o que os

editores e aqueles que escreviam para *Revista do Globo* pensavam ou entendiam o momento em que estavam vivendo. Ainda, conforme Pesavento,

Apoiado num novo paradigma centrado na cultura, utilizando conceitos tais como os da representação e do imaginário ou o princípio do cruzamento das práticas sociais com as imagens e discursos de representação do real, escorado na estratégia metodológica detetivesca da montagem por contraste e justaposição, resta ao historiador a difícil tarefa de resgatar o que pensavam ou tentavam expressar os homens do passado. (PESAVENTO, 1995, 287).

Tendo isso em vista, a análise das páginas da *Revista do Globo* proporcionará uma visão sobre as reformas urbanas apoiadas nas suas percepções cotidianas e em suas aspirações enquanto produto cultural.

A *Revista do Globo* foi gentilmente disponibilizada pelo DELFOS- Espaço de Documentação e Memória Cultural da PUCRS. As edições completas e em ótimo estado se encontram digitalizadas no acervo da instituição e as consultadas foram de nº 198 de 16 de janeiro de 1937 a nº 353 de 18 de dezembro de 1943. Essas edições normalmente variam em torno de 60 a 70 páginas e nelas é possível encontrar um conteúdo visual baseado em fotografias, propagandas, charges e ilustrações que acompanhavam os textos literários. A maioria das reportagens que serão analisadas aqui neste trabalho aparecem em edições de datas comemorativas como a Semana da Pátria em 1939 e o Bicentenário de Porto Alegre em 1940. Cabe acrescentar que a escolha da fonte deu-se também por ela ser um periódico de grande circulação quinzenal, com uma variedade de assuntos e um empreendimento de uma empresa- a Livraria do Globo- com grande capital cultural, econômico e político. Assim, neste trabalho, a *Revista* é entendida como um produto do tempo moderno que simultaneamente difundiu comportamentos e valores desse período, conforme Heloísa Cruz e Maria do Rosário Peixoto:

(...) jornais e revistas tais como os conhecemos são artefatos da modernidade e, no processo de sua configuração enquanto materialidade, carregam para dentro de sua composição, dentro dos limites e possibilidades colocadas pela técnica da impressão, as linguagens e gêneros que foram aí inventadas. (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 259)

Dessa maneira, reforça-se que por ser um produto da modernidade a forma como ela é elaborada e apresentada (o conteúdo, as imagens, as capas, os termos utilizados, entre outros) está de acordo com o período, conforme veremos ao longo

deste trabalho. Ainda, parte-se da compreensão que a imprensa é uma "força social ativa":

(...) como força social que atua na produção de hegemonia, a todo o tempo, articula uma compreensão da temporalidade, propõe diagnósticos do presente e afirma memórias de sujeitos, de eventos e de projetos, com as quais pretende articular as relações presente/passado e perspectivas de futuro. (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 259)

Assim, cabe dizer que a imprensa, por mais que ela se considere, não é neutra, muito pelo contrário, através de suas escolhas editoriais a imprensa pode reforçar e produzir interesses, visando não só dar sentido ao presente como também influenciar a relação de seus leitores com o passado e futuro.

Dessa forma, para análise da imprensa como fonte de pesquisa é importante entender que os impressos são dotados de historicidade, assim como sua materialidade e as técnicas utilizadas para elaborá-los, conforme colocado por Tânia de Luca:

Condições materiais e técnicas em si dotadas de historicidade, mas que se engatam a contextos socioculturais específicos, que devem permitir **localizar a fonte escolhida numa série, uma vez que esta não se constitui em um objeto único e isolado**. Noutros termos, **o conteúdo em si não pode ser dissociado do lugar ocupado pela publicação na história da imprensa**, tarefa primeira e passo essencial das pesquisas com fontes periódicas. (DE LUCA, 2014, p.139) (grifo da autora)

Portanto, não é possível analisar um periódico sem falar do contexto em que foi produzido. Essa contextualização também serve para explicar algumas escolhas feitas pelos editores em relação ao conteúdo, formato e imagens. Além disso, a escolha de trabalhar sobre urbanismo com uma revista torna-se um tanto diferente se levarmos em consideração que as fontes normalmente utilizadas para esses estudos são os jornais, vide os trabalhos já citados de Bednarz (2011) e Lemos (2009) como alguns exemplos.

Cabe explicar de antemão que tanto o título do trabalho quanto dos capítulos são retirados diretamente da Revista, pois, conforme Cruz e Peixoto, "títulos e subtítulos funcionam como "manchetes", primeiros enunciados por meio dos quais uma publicação procura anunciar a natureza de sua intervenção e suas pretensões editoriais" (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p.261). Assim, ao se autodenominar como "magazine que apresenta a melhor e mais completa leitura do Brasil", percebe-se a pretensão à universalidade de assuntos e a abrangência territorial da *Revista*. Já

quando anuncia Porto Alegre como “metrópole moderníssima” tem-se a percepção dos editores sobre a cidade que estava sendo remodelada.

Dito isso, o trabalho pretende ser dividido em dois eixos. O primeiro aborda a história da *Revista do Globo* que se funde ao contexto social, político e cultural da cidade de Porto Alegre. Assim, busca-se entender qual a relevância da *Revista* naquele contexto. E ao falar da *Revista do Globo*, é preciso destacar o surgimento da *Livraria do Globo*, já que ela foi parte importante da vida cultural da capital de um Estado com aspirações culturais e influência nacional. Um fato interessante é que o prédio da Livraria, localizado na principal rua do centro de Porto Alegre, foi revitalizado e tombado pela Secretaria Municipal de Cultura em 2011.

E no segundo, levando em consideração o que já foi apresentado, serão destacadas algumas reformas que ocorreram na administração de Loureiro da Silva e a formação do Conselho do Plano Diretor da cidade. Em 1938, foi contratado o urbanista Arnaldo Gladosch para a elaboração de um novo Plano Diretor e um momento de estudos urbanísticos importantes para a cidade. Dessa forma, é possível desenhar o contexto das transformações que ocorriam na cidade. Após, serão analisadas as reportagens e imagens que falam sobre a cidade de Porto Alegre nesse período de “modernização” e entender como a *Revista* apresentava a cidade para seus leitores.

CAPÍTULO 1- “O magazine que apresenta a melhor e mais completa leitura do Brasil”: a influência da Livraria do Globo e o surgimento da *Revista*

Desde sua inauguração, em dezembro de 1883, a *Livraria do Globo* se tornaria um lugar importante para a cultura da cidade de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul. Não tardaria para o empreendimento localizado na Rua da Praia ser um dos mais importantes para a literatura e intelectuais sul-rio-grandenses, não só por ser o acesso de muitos aos livros, mas também por ser um local de socialização e discussões. Como Karina Batista afirma em sua tese, “houve um tempo em que livrarias não eram “livrarias” e sim “a Casa”, um espaço de convívio, de reuniões, à semelhança dos grandes salões, em que o livreiro assumia o papel do anfitrião e era conhecido pelo seu nome” (BATISTA, 2008, p. 72). Assim, com o passar dos anos, a *Livraria do Globo* tornou-se um espaço de sociabilidade e criação de redes sociais.

Mas para além das sociabilidades, a *Livraria do Globo* também foi um lugar de aprimoramento profissional, pois, ao longo dos primeiros anos, os donos Laudelino Pinheiro de Barcellos e Saturnino Alves Pinto investiram em equipamentos gráficos para ampliar o campo de atuação da Livraria e produzir obras por encomenda. Na Figura 1 temos as aquisições feitas ao longo da história dos equipamentos gráficos. Essa apresentação serviu também como divulgação da mais nova máquina adquirida no ano de 1937: a máquina de impressão litográfica “off-set” a duas cores. Na edição seguinte, a revista dedicou duas páginas para falar da inauguração da nova máquina, que contou com a presença de seus trabalhadores, sócios e convidados. Ambas publicações ressaltam o aspecto moderno da máquina “que reúne no seu conjunto elegante todos os progressos e recursos da moderna técnica de impressão, extraordinariamente precisa, destina-se a impressão e perfeita de grandes trabalhos.” (REVISTA DO GLOBO, n. 220, p. 28) Dessa forma, entende-se que havia uma demanda por rapidez e qualidade nos impressos da época que a Livraria soube atender.

Figura 1- "Livraria do Globo: a pioneira das artes gráficas no Sul do Brasil"

LIVRARIA DO GLOBO

a Pioneira
das artes gráficas
no Sul do Brasil

MARCOS DE SUA HISTÓRIA:

1912 = A PRIMEIRA MÁQUINA DE COMPOZ
"LINOTIPO"

1915 = A PRIMEIRA MÁQUINA DE IMPRESSÃO
TIPOGRÁFICA **AUTOMÁTICA
DE CILINDRO**

1918 = A PRIMEIRA MÁQUINA DE IMPRESSÃO
LITOGRÁFICA "OFF-SET"
A UMA CÔR

1937 = A PRIMEIRA MÁQUINA DE IMPRESSÃO
LITOGRÁFICA "OFF-SET"
DE GRANDE FORMATO A
DUAS CÔRES

Com a aquisição desta última OFF-SET moderníssima para impressão a duas côres, a LIVRARIA DO GLOBO se acha aparelhada para atender à sua clientela de grandes trabalhos litográficos com maior presteza, apresentando ao mesmo tempo um serviço de acabamento ainda mais perfeito.

LIVRARIA DO GLOBO DE BARCELLOS, BERTASO & CIA.
PÓRTO ALEGRE - RIO GRANDE DO SUL

Fonte: *Revista do Globo*, n. 219, 22 de dezembro de 1937, capa. Disponibilizado digitalmente por: DELFOS.

A compra dessas máquinas influenciou não só a publicação de diversas obras, mas também a criação de novas iniciativas e, a partir da expansão da *Livraria* no século XX, seus sócios e funcionários poderiam se aventurar em novos projetos na *Editora do Globo*. Uma dessas iniciativas foi a elaboração do *Almanaque do Globo*, que fora lançado para promover a cultura regional, seja através da publicação de escritores até então desconhecidos ou da seleção de fatos sobre a história do Estado:

A Livraria do Globo aprimorou e ampliou os trabalhos gráficos oferecidos: em sua cartela de clientes constavam empresas e repartições públicas que frequentemente solicitavam seus serviços e adquiriam seus produtos; a diversificação das atividades culminou na publicação do Almanaque do Globo, em 1917, primeiro empreendimento editorial da casa. O conteúdo do anuário consistia em curiosidades sobre conhecimentos gerais e a publicação de textos de escritores sul-rio-grandenses, estreados em sua maioria. Toda a parte gráfica do Almanaque era coordenada por João Pinto da Silva. Mais tarde juntou-se a ele Mansueto Bernardi, italiano de Treviso, afeito a prosa e ao verso e que, a princípio, fora contratado como administrador do escritório. Por conta de seu interesse e identificação com o segmento cultural, Mansueto dava orientações acerca do conteúdo da publicação. (VIEIRA, 2017, p.17)

Dessa forma, percebe-se um certo incentivo da *Livraria* a produções literárias e a divulgação das mesmas. Isso acompanharia os feitos da editora e, depois, nas páginas da *Revista do Globo*. Ainda sobre o conteúdo do almanaque:

Com notoriedade, o Almanaque do Globo passa a transmitir não somente os guias do contribuinte, ritos religiosos, ou conteúdo literário, mas também, a partir da edição de 1919, fatos e fotos dos principais responsáveis pela construção do Estado, além de crônicas, crítica literária e memória com seções especializadas em contar a história do Rio Grande do Sul. Estas mudanças começam a se caracterizar, junto ao processo de industrialização da cultura e a produção de conteúdo, como negócio de venda e ofertando procura no estado para o consumo(...) (SILVA, 2019, p.99)

Assim, ao lançar um almanaque, a Livraria se afirma como uma empresa de seu tempo, que influenciada pelo processo de industrialização do início do século XX, modifica o desenvolvimento de um impresso. E isso não se refere apenas à parte técnica, mas também ao consumo da cultura e da informação.

Outra questão importante quando se fala das publicações do Globo é o papel que as artes gráficas e seus artistas ocuparam durante aqueles anos. Ao falar do responsável pela parte artística da Livraria, Paula Ramos afirma:

A análise do papel de Ernst Zeuner a frente da Seção de Desenho e dos vários profissionais que por ali passaram nos permite dizer que, em uma época em que o campo artístico local era por demais incipiente, a Seção acabou funcionando como uma instituição de ensino para a Escola de Belas Artes (...). Ela tinha um papel imprescindível não apenas quanto à formação de profissionais e artistas gráficos, como também na divulgação de seus trabalhos (muitas vezes desconhecidos) e na promoção de uma nova visualidade, diversa da acadêmica. (RAMOS, 2007, p.110)

Aqui as publicações do Globo se mostram como uma alternativa para artistas até então não conhecidos, bem como um lugar de aprendizado para aqueles que se interessavam pelas artes. Além disso, esses artistas contribuíram para a difusão de uma estética moderna que dialogava “com o universo do cinema norte-americano, com o regionalismo e tendo como protagonista a figura feminina (...)” (RAMOS, 2007,

p.103). Ainda assim, as artes gráficas elaboradas por esses artistas atendiam também um requisito comercial:

É claro que devemos nos lembrar que essas imagens tinham suas especificidades, sendo a principal o próprio motivo de suas existências, ou seja, atrair leitores, atrair compradores, destacar-se no turbilhão das bancas de revista ou nas vitrines de livrarias. Entretanto, isso não exclui a relevância delas nem em termos de produção visual, nem quanto às relações estabelecidas com o público. (RAMOS, p.110)

Assim como o conteúdo literário, o cuidado com a estética fazia parte das preocupações da *Livraria do Globo* e possibilitariam o sucesso das vendas das obras editadas.

Além do Almanaque, outra iniciativa do grupo foi a *Editora do Globo*, que ganhou seu espaço no universo literário da época. Mesmo editando algumas obras ao longo dos anos, foi a partir da década de 1930 e dirigida por Henrique Bertaso, filho de José Bertaso - que era um dos sócios e diretor da Livraria - que a editora se tornou mais ousada. Juntamente com Érico Veríssimo, a editora lançou obras de escritores regionais - o próprio Veríssimo teve seus primeiros livros publicados por ela - e traduções. A dupla, unida pelo mútuo interesse pelos livros, criou estratégias comerciais apostando nas traduções e logo puderam desfrutar do reconhecimento obtido:

Henrique então organizou uma eficiente rede de distribuição e os livros da Globo podiam ser encontrados em todos os pontos do Brasil. Outro fato de grande influência para a ascensão da editora foi a base sobre a qual Henrique montou seu projeto: as traduções, ou melhor, a aquisição dos direitos de traduções das obras. Essa estratégia tornou-se viável justamente no momento em que ele iniciava suas atividades, pois com a conjuntura estabelecida depois de 1929, a importação de livros tornou-se muito dispendiosa, situação que só veio a se agravar com a Segunda Guerra Mundial. (BATISTA, 2008, p.98)

Ao optar por adquirir os direitos das obras, e não as obras em si, Bertaso diminuiu os gastos de suas edições. Além disso, acabaram criando um novo segmento profissional dentro da editora: a tradução.

É claro que a posição de Bertaso favoreceu sua tomada de decisão pois, por ser filho do sócio da Livraria, a editora estava intrinsecamente ligada a Livraria e assim poderia arcar com os possíveis fracassos, visto que, na época da criação da editora, a *Livraria do Globo* já possuía quatro filiais, sendo uma delas no Rio de Janeiro (BATISTA, 2008, p. 98). Mas além disso a editora deu reconhecimento para seus idealizadores. Henrique Bertaso, que atuava como editor e na parte comercial,

compôs a Comissão do livro e encabeçou a I Feira do Livro de Porto Alegre, em 16 de novembro de 1955. Já Erico Veríssimo, que atuava como um consultor da editora, tornou-se um escritor reconhecido, bem como, foi convidado a dar aula em uma Universidade nos EUA na década de 1940.

Durante anos, circularam diferentes atores na história da *Livraria*, de escritores até políticos que se interessavam pelos rumos que a cultura poderia tomar. Um exemplo disso é o papel que Getúlio Vargas, então presidente do Estado, teria no surgimento da *Revista do Globo*:

Getúlio Vargas, então presidente do Estado, também passara a marcar presença em algumas dessas reuniões, e sua intervenção na criação de outro empreendimento da firma ocupa lugar de destaque nas páginas escritas pelos memorialistas da época. Estamos nos referindo à criação da Revista do Globo, que, segundo consta, é fruto de uma ideia sugerida pelo próprio Getúlio. É fato que o projeto de lançar uma revista do Sul foi muito bem recebido pelos intelectuais da época, entre eles De Souza Júnior, Moysés Velinho e Rubens de Barcelos. Dessa forma, o projeto foi levado a diante e, em 1929, surgiu a Revista do Globo, sob a direção de Mansueto Bernardi. (BATISTA, 2008, p.70)

Abaixo temos a fotografia que seria usada como marco da fundação da *Revista*. Nela podemos ver esses atores importantes para a história do magazine, como por exemplo, Getúlio Vargas e Osvaldo Aranha, que na época da fotografia eram o presidente do Estado e o Secretário do Interior, respectivamente. Além deles, Mansueto Bernardi (o primeiro sentado da esquerda para a direita), José Bertaso e Osvaldo Rentsch (co-proprietários da *Livraria*, os últimos sentados da esquerda para a direita), o arcebispo D. João Becker, o escritor Atos Damasceno, Moysés Velinho e outros escritores e jornalistas estavam presentes naquele momento. A escolha por uma fotografia onde Getúlio se encontra como figura central ressalta a importância do presidente do Estado e futuro presidente da República para a história da *Revista*. Como foi dito na citação acima e é narrado na Figura 2, Vargas estimulou a criação da *Revista do Globo*:

E era aqui na Livraria do Globo que S. Excia e o seu Secretário do Interior, o Dr. Osvaldo Aranha, realizavam palestras amistosas com os intelectuais da terra, palestras que ficaram célebres, como verdadeiros “serões literários”. E rara era a vez que S. Excia não fazia sentir a necessidade de dar a Porto Alegre uma revista cultural e social. Todos concordavam, mas a todos abatia a mesma dificuldade- era uma empresa que, além de demandar grande capital, era muito arriscada. Chegou-se à conclusão de que só um grande estabelecimento gráfico podia tomar a si o risco do negócio. A Livraria do Globo ofereceu o capital necessário e a simples possibilidade se concretizou. Foi assim que a Revista do Globo nasceu de uma sugestão do Dr. Getúlio

Vargas que encontrou o mais decidido apoio da firma Barcellos, Bertaso & Cia. (REVISTA DO GLOBO, 1938, p. 23)

Dessa forma, o mito fundador citado engrandeceu não só Getúlio Vargas, mas também a própria Livraria ao assumir um “risco” que só ela mesmo poderia correr devido seu capital. A fotografia aparece em outras edições também, como por exemplo na edição número 267 de 13 janeiro de 1940 (Anexo 1), que celebra os 12 anos da *Revista* e também destaca o seu papel na cultura do Estado.

Figura 2- “A nossa fotografia”



Fonte: *Revista do Globo*, n. 221, 29 de janeiro de 1938, p.23. Disponibilizado digitalmente por: DELFOS.

Com o surgimento da *Revista do Globo*, em 5 de janeiro de 1929, a *Livraria do Globo* alcançou um novo feito: conseguiu concentrar em uma publicação a divulgação da cultura e cotidiano moderno. Como afirma Fabiana Ioris, em seu trabalho sobre a modernidade no discurso editorial da *Revista* em seus anos iniciais:

Através de seus textos e análises da vida política, comercial, literária, social e moral, romperam com o exclusivismo dos jornais como imprensa escrita de caráter doutrinário. O aparecimento e aceitação das revistas ilustradas, resultado da modernização da indústria gráfica, qualidade gráfica e uma linguagem própria, contribuiu para os avanços da imprensa escrita. Veiculadoras de interesses corresponderam às necessidades pelas quais a sociedade passava e enquanto modelo de progresso e cosmopolitismo elas acompanharam e registraram as mudanças. Ao registrar as transformações, elas próprias passaram a se reconhecer como veículos de expressão da modernidade. (IORIS, 2003, p.89)

Dessa forma, a revista se coloca como uma alternativa ao jornal para narrar, com suas próprias especificidades, o desenvolvimento da sociedade e os novos padrões de comportamento e consumo. É claro também que o contexto possibilitou o desenvolvimento dessa publicação:

Na década de 30, os novos padrões culturais passaram a ser difundidos através dos meios de comunicação de massa: cinema, rádio, imprensa escrita (jornais, almanaques, anuários e revistas ilustradas), sua legitimação foi possível graças aos avanços tecnológicos, ao desenvolvimento industrial, as novas descobertas e aplicações da eletricidade e ao aperfeiçoamento da indústria gráfica cuja tecnologia incrementou e dinamizou o mercado. (IORIS, 2003, p.84)

Nos anos iniciais do século XX, já aconteciam mudanças tecnológicas que possibilitaram o desenvolvimento de técnicas gráficas e de novos meios de comunicação que viabilizaram o aprimoramento das revistas.

Novas práticas e mentalidade marcavam a sociedade urbana e o surgimento deste veículo, acompanhando o progresso e a modernidade decorrentes das mudanças e dos aperfeiçoamentos técnicos. Na medida em que novas práticas e mentalidades marcavam a sociedade urbana, as revistas incorporaram a dinâmica do mundo moderno. (IORIS, 2003, p.90)

A publicação de fotografias em revistas ilustradas é um exemplo de modernização dos veículos de imprensa, pois só foi possível com o desenvolvimento das técnicas necessárias. Assim, muitas revistas se lançaram no mercado, porém tiveram um sucesso efêmero. Entre elas pode-se destacar a revista *Kodak*, *A Madrugada* e *A Máscara*. Mesmo com essas tentativas, apenas a *Revista do Globo* permaneceu por quase quatro décadas, sendo sua última edição em 1967:

Através de seus textos e análises da vida política, comercial, literária, social e moral, romperam com o exclusivismo dos jornais como imprensa escrita de caráter doutrinário. O aparecimento e aceitação das revistas ilustradas, resultado da modernização da indústria gráfica, qualidade gráfica e uma linguagem própria, contribuiu para os avanços da imprensa escrita. Veiculadoras de interesses corresponderam às necessidades pelas quais a sociedade passava e enquanto modelo de progresso e cosmopolitismo elas acompanharam e registraram as mudanças. Ao registrar as transformações,

elas próprias passaram a se reconhecer como veículos de expressão da modernidade. (IORIS, 2003, p.89)

Mesmo sendo a de maior longevidade, a *Revista do Globo* continuou com alguns aspectos de suas antecessoras: a publicidade, artigos sobre comportamento, programação cultural (livros e cinema), tendências de moda, fotografias de eventos da sociedade sul-rio-grandense, a publicação de contos (originais ou traduzidos), acontecimentos internacionais, charges e, no geral, amenidades.

O primeiro diretor da Revista foi Mansueto Bernardi, que ficou no comando da publicação até ser chamado para a Casa da Moeda no governo Vargas em 1931. Durante a direção de Bernardi, o contexto político nacional passou por um movimento - a Revolução de 30 - que colocou Getúlio Vargas no poder. Vargas, que já tinha ligações com o grupo Globo, buscou ressonância para seu projeto nas páginas da Revista:

Ocorre que, pelo menos no período inicial, a cultura estava diretamente a serviço de uma empresa política, a mobilização pela legitimação do movimento que resultou na Revolução de 30. A confluência entre essa empresa e a cultura foi facilitada pela preexistência do chamado Grupo da Globo, ao qual se vinculava diretamente boa parte das elites políticas e intelectuais regionais, entre as quais estavam aqueles que logo após seriam os líderes da Revolução de 30. Por outro lado, no que concerne à cultura, além das traduções de literatura estrangeira e da bricolagem editorial, que visavam a um público mais amplo ou popular, o regionalismo, numa definição específica, já ocupava posição de destaque. (BATISTA, 2008, p.88)

E para além da questão política, o regionalismo também foi uma característica da revista, entretanto esse aspecto se misturava com a aspiração pela modernidade da revista, já que na época, a cidade de Porto Alegre passava por transformações no espaço urbano, iniciadas na década de 1920 pelo intendente Otávio Rocha. A revista, assim, não poderia deixar de repercutir as mudanças que aconteciam:

Refletindo as mudanças na cidade através dos projetos de remodelação urbana, a Revista do Globo procurou acompanhar os avanços da modernidade, correspondendo às expectativas da elite urbano-industrial que desejavam reconhecer-se como pertencentes a este mundo. A perspectiva das elites, no sentido da afirmação de um ideal de modernidade foi produto da nova conjuntura política, econômica, social, tecnológica e ideológica proporcionadas pelos novos tempos. (IORIS, 2003, p.105)

Assim, a publicação procurava se colocar como uma narradora da sociedade na época e atendia os interesses de uma elite que havia se formado no processo de industrialização. Complementando com uma afirmação de Fabiana Ioris, “a *Revista do*

Globo perseguia a ideia de futuro, modernidade vinculada com o progresso proporcionado pela tecnologia, buscando nos exemplos externos a experiência da modernidade para tornarem-se ícones dos novos tempos.” (IORIS, 2003, p.86)

Com a saída de Mansueto Bernardi, Érico Veríssimo assumiu a direção da *Revista do Globo*. Veríssimo, que já atuava na publicação e na editora, também dedicava seu tempo livre a aquilo que o deixou mais conhecido: a escrita. Cabe destacar que o autor não gostava muito do trabalho na revista e preferia seu cargo na editora. Depois de sua saída, Luiz Estrela assumiu a direção da publicação até 1938. E a partir de 1939, Justino Martins - cunhado de Verissimo - ocupou o cargo de diretor da *Revista do Globo*”. Sob sua direção ocorreram algumas mudanças no conteúdo da revista que, a partir do que se observa no trabalho de Marisângela Martins, está veiculada à posição política de Justino: o comunismo. A partir da análise das edições da revista dirigidas por Justino, a autora aponta que as reportagens sobre problemas sociais, comunismo e a União Soviética aumentam:

As mudanças protagonizadas por Justino Martins podem ser visualizadas a cada edição. Aos poucos, as páginas dedicadas aos interventores, ao presidente Vargas e a assuntos e acontecimentos sociais – entenda-se da elite – diminuíram consideravelmente, dando lugar a um número crescente de reportagens, crônicas, críticas e ensaios. As reportagens – inúmeras produzidas por Justino – abordavam não somente questões da política internacional, mas também aspectos da vida dos populares (gafieira, candomblé etc.) e graves problemas sociais, como a miséria em Porto Alegre e outras capitais, a marginalização do gaúcho que vivia no campo, os meninos que trabalhavam como jornaleiros, os menores abandonados, os moradores de rua e as mulheres que viviam no presídio feminino. (MARTINS, 2010, p.105)

Dessa forma, Justino Martins pretende denunciar os problemas sociais e apresentar a cultura popular e o comunismo com uma visão mais simpática em relação ao que foi feito por seus antecessores. Assim, cabe também reproduzir a compreensão da autora referente ao comunismo nas páginas da revista:

Parece ser necessário considerar também as condições sociais de produção do discurso veiculado pela *Revista do Globo*. Cada uma de suas edições era o resultado de escolhas do que e de como tornar públicos determinados assuntos, uma seleção feita pela equipe responsável pelo periódico, especialmente por seu diretor, que dava a linha editorial. Tais opções eram realizadas a partir de esquemas de pensamento e de expressão incorporados ao longo da vida social e de acordo com a posição que tais agentes ocupavam no espaço de relações sociais da época, de suas inserções em outras esferas de atividade e de seus interesses. (MARTINS, 2010, p.103)

Essa explicação serve também para justificar as decisões editoriais de outras edições da revista, sob a direção de Bernardi, Verissimo ou Estrela. Assim, a escolha

por uma estética, por traduções, publicações de contos, o acompanhamento dos eventos da sociedade sul-rio-grandense, eram todas de responsabilidades de seus diretores e que refletiam o momento em que eles viviam: desde as publicações regionalistas de Bernardi quando Vargas ascende ao poder até as tentativas de Martins em tornar o comunismo e a União Soviética “simpáticos” para os leitores durante a Segunda Guerra.

Ainda sobre as mudanças que ocorreram enquanto Martins dirigia a *Revista do Globo*, ele deu mais espaço para vários funcionários que se declaravam comunistas e que já trabalhavam nos empreendimentos do Globo

Outros escritores- uns filiados, outros simpatizantes ao PCB- ou colaboraram na Revista do Globo, ou constituíram-se em objeto de críticas literárias e reportagens veiculadas por ela na fase de Justino. Alguns deles foram Afonso Schmidt, Álvaro Moreyra, Aparício Torelly (Barão de Itararé), Decio Freitas, Cyro Martins, Dalcídio Jurandir, Dyonélio Machado, Ivan Pedro de Martins, Jorge Amado, Lila Ripoll, Marina Maciel, Moacir Werneck de Castro, Nelson Werneck Sodré, Oswald de Andrade, Osvaldo Peralva, Paulo Fontoura Gastal, Plínio Moraes (Jacob Koutzii) e Tito Batini. (MARTINS, 2012, p.132)

Ao longo deste capítulo, pode-se perceber uma figura que teve papel importante na questão cultural e tinha uma ligação direta com o grupo Globo: Getúlio Vargas, que passou de presidente do Estado para presidente do Brasil a partir da Revolução de 1930. No final dessa década, Vargas instaura o regime autoritário do Estado Novo que perdura até 1945. Sobre esse novo regime, Maria Helena Capelato relata:

(...) o Estado Novo definiu-se pelo autoritarismo graças ao intenso controle político, social e cultural e pelo cerceamento das liberdades em muitos planos; houve repressão e violência extrema expressa nos atos de tortura. O período se caracterizou também pelas significativas mudanças promovidas pelo governo. Elas ocorreram em vários níveis: reorganização do Estado, reordenamento da economia, novo direcionamento das esferas públicas e privada, nova relação do Estado com a sociedade, do poder com a cultura, das classes sociais com o poder, do líder com as massas. (CAPELATO, 2007, p.113)

Dessa forma, o Estado passa a ter um interesse maior sobre os aspectos da vida cultural de sua população: quais informações iriam consumir, o que aprenderiam na escola, quem eram os interlocutores, o que ouviam no rádio ou viam no cinema. Para garantir esse controle, o Estado esteve amparado por seus ministros e intelectuais simpatizantes que estavam dispostos a filtrar e produzir o que a população iria consumir:

A produção artística cultural engajada ficou a cargo do ministro da Educação, Gustavo Capanema, responsável pela orientação cultural no período. A política cultural do varguismo foi coerente com a concepção de Estado que orientou a atuação do governante. Em nome de valores políticos, ideológicos, religiosos e morais, os representantes do regime justificaram a proibição ou valorização de produtos culturais. O poder político definiu, em última instância, o que deveria ser produzido e incentivou certas obras em detrimento de outras. A defesa da intervenção estatal na cultura, entendida como fator de unidade nacional e harmonia social, caracterizou esse período. A cultura foi entendida como suporte da política e nessa perspectiva, cultura, política e propaganda mesclaram. (CAPELATO, 2007, p.125)

Então, a cultura no Estado Novo esteve a serviço do Estado, que buscava a manutenção do poder através do controle dos produtos culturais da época. Sendo assim, o governo cria aparatos para controlar esses produtos. O Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) foi responsável por difundir a imagem de poder do Estado, a partir de então,

As imagens e os símbolos eram difundidos nas escolas com o objetivo de formar a consciência do pequeno cidadão. Nas representações do Estado Novo, a ênfase no novo era constante: o novo regime prometia criar o homem novo, a sociedade nova e o país novo. O contraste entre o antes e o depois era marcante: o antes era representado pela negatividade total e o depois (Estado Novo) era a expressão do bem e do bom. Havia promessas de um futuro glorioso. (CAPELATO, 2007, p.123)

Assim, a aposta era na novidade, em oposição a aquilo que havia sido feito até então. Para manter sua imagem, o Estado Novo também cooptou intelectuais para participarem do “projeto político- pedagógico” (CAPELATO, 2007, p.143) nacional. Esse período marca a aproximação dos intelectuais ao Estado em uma tentativa de construir uma ideia de nação:

Se, historicamente, a construção do nacionalismo vinha se constituindo em uma das preocupações fundamentais dos intelectuais, agora eles passariam a situar a sua tarefa nos domínios do Estado. Verifica-se, então, a união das elites intelectuais e políticas que se pretendem as verdadeiras expressões de uma política superior. (VELLOSO, 2007, p. 149)

Dessa forma, essa união resultaria em uma centralização de discussões sobre um projeto para o país que envolvia as mais diversas áreas do pensamento através do Estado.

Uma forma de dar reconhecimento aos intelectuais da época foi através de homenagens. Em sua tese, Marisângela Martins apresenta uma dessas homenagens que ocorreram na cidade de Porto Alegre:

Em novembro de 1940, a Prefeitura de Porto Alegre, sob o comando de Loureiro da Silva, promoveu um almoço de confraternização no Grande Hotel em homenagem aos “homens de inteligência e pensamento” do estado.

Motivada pelo bicentenário da capital gaúcha, a Prefeitura também havia instituído o Prêmio Cidade de Porto Alegre para romance, crônicas, roteiros sentimentais e contos. Mais de 130 pessoas participaram do encontro, entre elas interventores federais, pintores, escritores, jornalistas, etc. representantes de várias manifestações culturais. (...)

O Prefeito de Porto Alegre justificou o evento com a necessidade de se reconhecer o papel que os intelectuais tinham na construção da nação brasileira. (MARTINS, 2012, p.140)

Cabe destacar a justificativa de Loureiro da Silva para o evento: “a necessidade de se reconhecer o papel que os intelectuais tinham na construção da nação”. Aqui é um exemplo de como o governo (no caso, a administração municipal) reconhecia nos intelectuais a possibilidade de afirmação do Estado entre seus pares. Outro exemplo na cidade de Porto Alegre foram as comemorações do Bicentenário da Colonização de Porto Alegre (mencionada no trecho acima). Loureiro da Silva mobilizou várias instituições intelectuais da época para organizarem a comemoração, conforme descreve Charles Monteiro:

As comemorações do Bicentenário da Colonização de Porto Alegre, em 1940, promovidas por Loureiro da Silva, enquadravam-se perfeitamente na cenografia comemorativa do Estado Novo, tanto na sua dimensão coletiva grandiosa quanto na utilização de símbolos nacionais. Houve desfiles, apresentações de música erudita, corridas de carro, bailes, discursos, congressos de Letras, História e Geografia. As comemorações começaram em 5 de novembro e se estenderam até 31 de novembro de 1940, englobando também a comemoração da Proclamação da República e o “aniversário do Estado Novo” em 10 de novembro. Logo, as comemorações locais se inseriram no quadro das comemorações oficiais do regime com a farta utilização de símbolos nacionais (Bandeira e Hino) e a presença do Presidente da República, Getúlio Vargas, que realizou inaugurações de obras públicas. (MONTEIRO, 2010, p.41)

Dessa forma, temos o apelo às comemorações de cunho nacionalistas que buscavam encantar a população frente ao poder do governo (tanto municipal quanto federal). No entanto, é importante destacar que as escolhas pelas datas e símbolos é feita de cima para baixo, ou seja, não são decisões populares. Para exemplificar isso, pegaremos como exemplo a decisão da data de início da colonização da cidade. Loureiro da Silva recorreu ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRS) para tomar tal decisão e assim:

Walter Spalding, como sócio do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRS) e Diretor do Arquivo e Biblioteca Municipal, fornece a legitimação de tais pretensões [legitimar a administração de Loureiro, mobilização popular favorável às reformas urbanas e projeção na política] ao rever a antiga versão de Augusto Porto Alegre através da “descoberta” de novos documentos sobre a cidade. Spalding descobriu uma carta de doação de sesmaria da Coroa Portuguesa a um tal de Jerônimo de Ornelas, datada de 5 de novembro de 1740. Para ele, se naquele momento já havia

o tal estancieiro com gados, família, escravos e agregados no local da futura povoação, essa data deveria ser fixada como a da fundação de Porto Alegre. (MONTEIRO, 2010, p.42)

Desse modo, percebe-se como um político estado-novista buscou respaldo no conhecimento de intelectuais para tomar uma decisão que beneficiou a manutenção de seu poder e de sua imagem frente a população.

Esta divagação sobre os intelectuais durante o Estado Novo se fez necessária para dar um parecer da situação dos mesmos naquele contexto, uma vez que, no início, a Livraria do Globo foi um dos locais de reunião de um grupo de intelectuais e figuras políticas que discutiam um projeto cultural e político para o Brasil e para o Rio Grande do Sul.

Além disso, é importante contextualizar a *Revista do Globo* antes de começarmos a analisar suas reportagens sobre as reformas urbanas na cidade de Porto Alegre durante a administração de Loureiro da Silva.

CAPÍTULO 2- “Porto Alegre, metrópole moderníssima”: as reformas urbanas nas páginas da *Revista do Globo*

Neste capítulo pretende-se tratar das matérias sobre as reformas urbanas de Porto Alegre que aparecem na *Revista do Globo*. Para tanto, serão analisadas 22 figuras que apresentam reportagens, fragmentos de reportagens, propagandas, registros das reuniões do Conselho do Plano Diretor, aspectos arquitetônicos e sociais da cidade que estava sendo transformada. Com essa análise busca-se compreender as percepções que os editores e aqueles que escreviam para a Revista tinham sobre essas reformas: quais termos eram utilizados ao se referir à remodelação da cidade? Quais imagens apareciam nas páginas? Quem eram os protagonistas?

Antes de entrarmos na análise em si, cabe estabelecer alguns entendimentos sobre a questão urbanística. Em seu artigo, Marlise Giovanaz utiliza o conceito apresentado por Maria Stella Bresciani sobre a *cidade-artefato*. Para ela, a cidade é resultado da ação humana sobre o meio ambiente, e a relação homem-urbanidade é de contínua tensão. Assim,

Essa proposta nos apresenta algo fundamental para compreendermos o campo de estudo da cidade, que é o fato desta significar o resultado da ação do homem sobre o meio ambiente, controlando-o. A relação estabelecida entre o homem e a urbanidade, sua produção, é uma relação em constante tensão, pois a cidade é algo sempre inacabado, sempre demandado outras ações de controle, de construção. Neste sentido, é fundamental a ideia proposta por Bresciani de cidade artefato, visto ser mais como algo inacabado ou defeituoso, necessitando, portanto, a ação não de homens comuns, mas de seres dotados de um conhecimento especializado. (GIOVANAZ, 2000, p.41)

Dessa forma, por necessitar de constantes ações humanas a cidade necessita de manutenção, controle e organização, porém, não é qualquer pessoa que fará isso, precisando cada vez mais de um conhecimento técnico e especializado na área. Aqui se introduz a denominação *produtores do espaço urbano*, que pode ser visto tanto nos escritos de Giovanaz (2000) quanto em Pesavento (1995). Neste trabalho, usaremos para definir pessoas como Loureiro da Silva, prefeito de Porto Alegre durante o período deste trabalho e responsável pelas várias transformações no espaço urbano.

José Loureiro da Silva assume o cargo de prefeito em 1937. A partir de então suas ações estavam voltadas para a organização da administração municipal e do espaço urbano da cidade. Em relação à administração, foram criados novos

departamentos e uma reforma fiscal visando sanar as dívidas do município. Já em relação ao espaço urbano, Loureiro foi responsável por criar o Conselho do Plano Diretor, em 1939, e assim,

sob sua presidência compunham um processo de discussão e debates sobre o planejamento da cidade. Pela primeira vez, era instituído um fórum oficial de debates sobre a cidade com a presença de representantes da elite local. (ALMEIDA, 2004, p. 65)

Desde então, Loureiro buscou criar um espaço para a discussão - com um grupo restrito de técnicos - sobre a urbanização de Porto Alegre. Como observou Maria Soares de Almeida, a administração de Loureiro trocou os planos por um planejamento urbanístico. Dessa forma, o que estava sendo estudado não era uma obra urbana, mas sim uma série de transformações encabeçada pelo então prefeito que atuava “tanto como administrador que toma as decisões quanto como participante dos debates”. (ALMEIDA, 2004, p. 48)

Para esse debate, Loureiro contou com três nomes: Luiz Arthur Ubatuba de Faria, Edvaldo Pereira Paiva e Arnaldo Gladosch. Os dois primeiros eram engenheiros que já trabalhavam na administração pública e foram responsáveis por levantamentos sobre a cidade de Porto Alegre que seriam publicados um em 1938 chamado *Contribuição ao estudo da urbanização de Porto Alegre*, e o outro em 1943 com o nome de *Expediente Urbano*. Já o arquiteto e urbanista Arnaldo Gladosch foi contratado no final de 1938, pelo próprio Loureiro, para comandar as discussões e elaborar o Plano Diretor da cidade.

Sobre as reformas feitas em Porto Alegre durante o período de 1937 e 1943, dá-se uma atenção maior às avenidas que atravessariam a cidade, ligando os bairros ao centro. Além da continuidade de algumas obras que iniciaram na administração de Otávio Rocha, destacam-se a abertura das avenidas 10 de Novembro (atual avenida Senador Salgado Filho) e Farrapos, e o prolongamento das avenidas João Pessoa e Borges de Medeiros. Por outro lado, tem-se obras relacionadas ao saneamento no Arroio Dilúvio. Além disso, foram feitas obras na Zona Sul a fim de melhorar a circulação nessa área. (ALMEIDA, 2004). Essas reformas eram acompanhadas pelos meios de comunicação, incluindo a *Revista do Globo*, como podemos observar abaixo na edição da Semana da Pátria em 1939. A revista dedicou quatro páginas para falar, mostrar e saudar as reformas feitas até então por Loureiro da Silva:

Figura 3- "A remodelação de Porto Alegre"



A imagem que ilustra a primeira página da reportagem é o Plano Diretor elaborado por Gladosch e o Conselho. Ele especifica a parte viária das reformas a serem feitas na cidade. Cabe dizer que mesmo com a mobilização em torno das reformas o Plano de Gladosch não saiu do papel e, ao fim do mandato de Loureiro, todo material produzido nestes anos foi compilado e publicado com o nome de *Um Plano de Urbanização*.

Figura 4- Vista aérea



Fonte: Revista do Globo, n. 259, 16 de setembro de 1939, p. 68. Disponibilizado digitalmente por DELFOS- PUCRS.

A figura 4 representa a parte superior da página e destaca-se o uso de *progresso vertiginoso* para descrever o momento em que se está vivendo. É interessante pensar na junção de uma palavra com conotação positiva como *progresso* com uma uma palavra que designa uma sensação desconfortável ou de mal-estar. Pode-se dizer que a escolha pela palavra *vertiginoso* foi utilizada para indicar que o entorno se movimentava e serviu para elucidar o sentimento de viver em uma época de crescimento das reformas e novas construções.

Entretanto, não é só apenas nessa edição que podemos ver um pouco mais sobre as reformas. Na edição de comemoração do Bicentenário de Porto Alegre (1940) podemos ver outras obras realizadas na cidade sob o título de “Perspectivas da cidade”:

Figura 5- “Inauguração da Avenida Piratini”



Fonte: Revista do Globo, n. 285, 30 de novembro de 1940, p. 146. Disponibilizado digitalmente por DELFOS- PUCRS.

Figura 6- “Inauguração da Avenida 10 de Novembro”



Fonte: Revista do Globo, n. 285, 30 de novembro de 1940, p. 146. Disponibilizado digitalmente por DELFOS- PUCRS.

Loureiro aproveitou as comemorações para inaugurar diversas obras na presença do Interventor Federal cel. Cordeiro de Farias e do presidente Getúlio Vargas. Na primeira imagem temos a avenida Piratini, para onde foi transferida a estátua de Bento Gonçalves. Já na outra imagem temos a inauguração da avenida 10 de Novembro (atual Sen. Salgado Filho): na primeira foto temos Loureiro, o presidente e o interventor ao lado da placa inaugural; na segunda, uma visão da avenida que, como consta na imagem, “*a-pesar-de ser uma artéria relativamente curta, está fadada a ser um dos lugares de maior movimento da Cidade, pelo fato de estar situada muito no centro.*” (Revista do Globo, n. 285, p. 146)

Figura 7- “Inauguração da Avenida Farrapos”



Fonte: Revista do Globo, n. 285, 30 de novembro de 1940, p. 147. Disponibilizado digitalmente por DELFOS- PUCRS.

Nessa primeira imagem (Figura 7) temos a inauguração de outra “artéria” da cidade, a avenida Farrapos que, naquele momento, “é a nossa maior via pública”. No texto que acompanha as fotografias, chama a atenção o trecho: “Domina, efetivamente, em todos os projetos urbanísticos de Porto Alegre, um traço de *audácia* e *otimismo* que pretende uma verdadeira transfiguração da metrópole gaúcha” (Revista do Globo, n. 285, p.147). Assim, percebe-se como essas transformações no

traçado urbano eram recebidas por aqueles que acompanhavam essas novidades e escreviam para a revista.

Figura 8- “Visita às obras do Riacho”

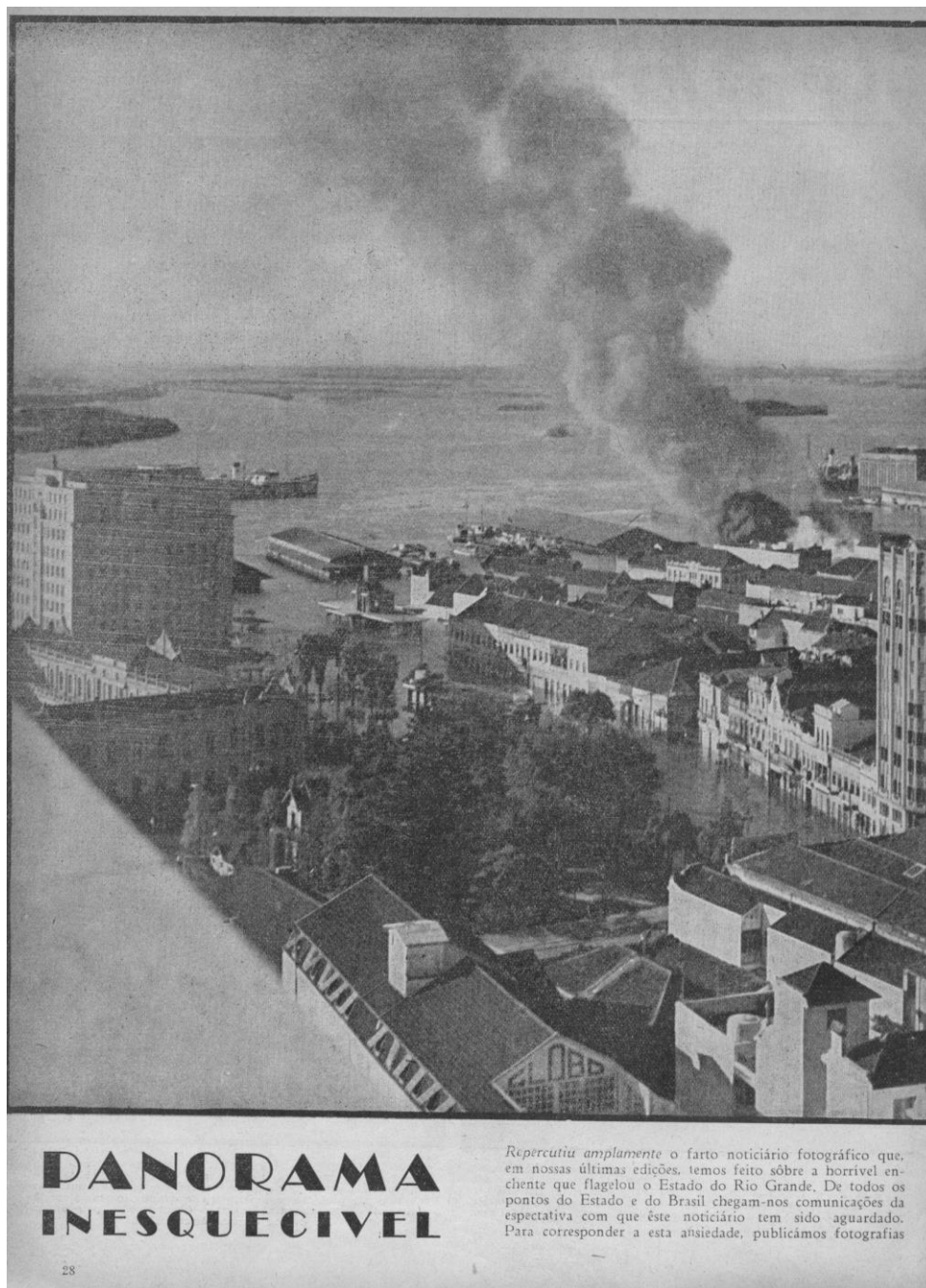


Fonte: Revista do Globo, n. 285, 30 de novembro de 1940, p. 147. Disponibilizado digitalmente por DELFOS- PUCRS.

As obras de saneamento do arroio Dilúvio também foram acompanhadas pelo presidente durante sua vinda à capital, como mostra a imagem acima. Essa obra foi uma das mais importantes da gestão de Loureiro pois implicava questões de higiene e saúde da população que vivia nos seus arredores, com o risco de enchente.

Também cabe dizer que durante a administração de Loureiro, a cidade foi acometida por uma enchente em maio de 1941. A *Revista do Globo* registrou esse acontecimento - sob a direção de Justino Martins, que deu um tom mais jornalístico para o impresso. Foram três edições dedicadas às consequências da enchente. A figura 9 corresponde a imagem publicada sob o nome de “*Panorama Inesquecível*”. Nela, além de uma vista panorâmica da enchente na área central, tem-se ao fundo um incêndio na fábrica *Secco & Cia*.

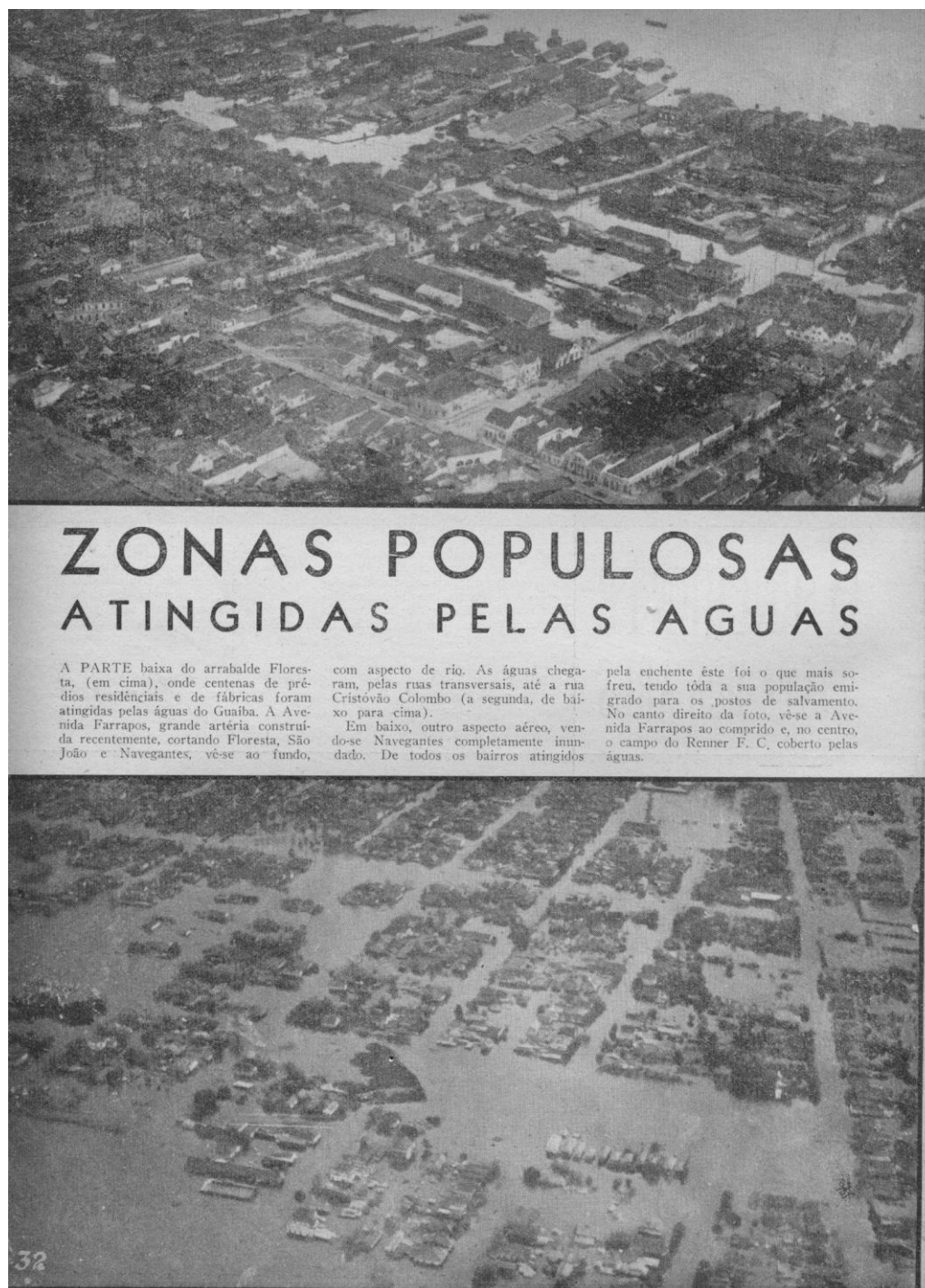
Figura 9- “Panorama Inesquecível”



Fonte: Revista do Globo, n. 297, 14 de junho de 1941, p. 28. Disponibilizado digitalmente por DELFOS- PUCRS.

A enchente também atingiu a cidade de Pelotas e Cachoeira, bem como, a Ilha da Pintada, que aparece devastada nas páginas da *Revista* (anexo). Em relação a essas reportagens da enchente, por mais que apareçam algumas fotografias sobre bairros mais “populosos” como o São João e Navegantes, a maior parte das imagens referentes à cidade são da região central e destacam o contraste entre os edifícios e a inundação que atingiu alguns metros de altura. Segundo a *Revista do Globo*, o bairro mais atingido foi o Navegantes, como pode ser visto na figura 10.

Figura 10: "Zonas populosas atingidas pelas águas"



Fonte: Revista do Globo, n. 297, 14 de junho de 1941, p. 28. Disponibilizado digitalmente por DELFOS- PUCRS.

Em uma das poucas regiões da cidade diferentes do centro que a Revista mostra, percebemos que a enchente realmente atingiu o bairro Navegantes (imagem de baixo na figura 10) e evidencia a diferença de estrutura entre bairros próximos. No arrabalde Floresta (imagem de cima na figura 10) que possui mais prédios e fábricas,

mesmo com a água, podemos ver que as construções ainda podem ser vistas e identificadas. O contrário acontece com o bairro Navegantes, que se encontra mais embaixo d'água.

Ainda sobre as reformas na cidade, não podemos deixar de citar também a eliminação do Beco do Oitavo (atual avenida Desembargador André da Rocha) que foi desocupado para a ampliação da avenida Três de Novembro. Sobre essa situação e como afetou aqueles que moravam naquelas habitações, Adriana Bednarz coloca que:

Aos moradores expulsos da rua 3 de Novembro foi negado um mínimo de segurança pessoal e material. (...) Neste contexto, as chances de inserção social daquelas pessoas eram nulas. As restrições às liberdades civis impostas à sociedade brasileira naquele período atingiram mais fortemente os grupos populares não vinculados ao mercado formal de trabalho, os quais não eram considerados cidadãos. (BEDNARZ, 2011, p.26)

Esse episódio do Beco do Oitavo, que conforme Bednarz também era conhecido como Beco da Desordem, aponta uma questão importante nas reformas urbanas que aconteceram na cidade de Porto Alegre ao longo dos anos: o despejo dos moradores das áreas tidas como "indesejadas" pelo poder público, sob a insígnia do progresso higienista. Além disso, deve-se lembrar que sob o regime do Estado Novo, o qual aboliu o poder legislativo, Loureiro da Silva recorreu aos Decretos-leis para atuar na desocupação de moradias.

Mas o prefeito não governou somente sob a égide das normas legais. Outros dispositivos foram sendo impostos através da simples determinação de novas regras que faziam parte do que se denomina aqui como regras discursivas, adotadas através da força da palavra, e que iam sendo absorvidas como parte do jogo entre poder público e o cidadão. É de lembrar que os tempos eram ditatoriais e que o prefeito detinha o poder e assim o exercia, com a convicção de que o fazia em nome do povo e para o progresso e modernização da cidade. (ALMEIDA, 2004, p.106)

Desse modo, o contexto político acabou favorecendo as tomadas de decisões em relação à remodelação da cidade, possibilitando decisões arbitrárias com consequências maiores para a parcela mais pobre da população.

Como mencionado anteriormente, Loureiro da Silva contou com o trabalho de engenheiros, arquitetos e urbanistas para a elaboração do Plano Diretor. O responsável por esse projeto foi o arquiteto e urbanista Arnaldo Gladosch, que foi contratado em dezembro de 1938. Após sua contratação, em março de 1939, foi instaurado o Conselho do Plano Diretor. As reuniões do conselho eram amplamente acompanhadas pela mídia da época. Na *Revista do Globo*, essas reuniões eram

apresentadas na seção de registros fotográficos da quinzena, como pode ser observado abaixo:

Figura 11- 7ª reunião do Conselho do Plano Diretor



Fonte: Revista do Globo, n. 277, 13 de julho de 1940, p.29. Disponibilizado digitalmente por DELFOS-PUCRS.

Nessas imagens, percebemos a importância que se dava a Loureiro, uma vez que o prefeito sempre aparece como figura central nas fotografias, na cabeceira da mesa como um anfitrião, rodeado pelos outros envolvidos no Plano.

Inclusive as homenagens ao prefeito Loureiro da Silva eram recorrentes na *Revista do Globo* durante o período. Na seção “Quatro personagens” publicada em, Loureiro da Silva é intitulado “Um homem popular”:

Figura 12- "Quatro Personagens"

QUATRO PERSONAGENS

ÉRICO VERÍSSIMO - Realiza um sonho...



Obrigado a fechar a farmácia irremediavelmente. Um dia, sem saber como, começou a escrever contos, que foram publicados nos jornais da capital, impressionando a todos os que leram. Uma revista do Rio organizara um concurso de contos e Érico Veríssimo enviou o seu, que foi premiado com cem mil réis. Mas o interessante é que o conto, foi publicado e o dinheiro não apareceu. Transportou-se para Porto Alegre, ingressando no número dos jovens escritores que eram as grandes promessas da terra gancha à literatura nacional. Érico reuniu alguns de seus contos e entregou o livro ao editor. O público gostou e apareceu outro livro, uma novela de costumes que conquistou ótima crítica, criando uma atmosfera agradável em torno do ex-farmacêutico. Depois... "Caminhos Cruzados", "Música ao longe", "Um lugar ao Sol", "Joana D'Arc" e, finalmente, "Olhai os Lírios do Campo", a consagração definitiva.

Há uns dez anos atrás, ele era um simples farmacêutico, em Cruz Alta, lá em cima da Serra. Fabricava emplastros, vendia remédios fiados e lia os seus livros nas poucas horas de folga que lhe sobravam. Depois, viu-se fracassado nos negócios. Vendeu fiado demais; os pobres que ele socorria foram aumentando dia a dia e Érico Veríssimo foi

cont. na pág. 89

SÉRGIO VORONOFF - O inimigo dos macacos



Dois olhos perscrutadores, sumidos sob os supercílios, um bigodinho a Carlitos, uma fronte ampla, grandes orelhas, duas rugas profundas que parecem formar um parêntesis ao redor de sua boca: eis o professor Voronoff.

Faz algum tempo que partiu para a América com sua jovem esposa. Acha-se atualmente no Rio, depois de haver feito ouvir suas conferências aos auditórios apaixonados de Nova York, Boston, Chicago, defendendo novas teorias sobre a glândula tireóide e sobre o papel do macaco, como depósito de órgãos de substituição para o corpo humano...

Voronoff nasceu na Rússia e formou-se em Paris. Após a guerra, ele era apenas um cirurgião de nomeada; foi em 1920 que começou suas experiências de glândulas sexuais, nos animais e nos homens. Não se pode negar que ele houvesse obtido certos sucessos, sobre homens de oitenta anos. Mas o que reprovaram em Voronoff, foi sua publicidade de salão. Invejaram bas-

tante este grande senhor que rompia com todos os hábitos dos sábios que gostam, geralmente, de viver na obscuridade dos gabinetes de trabalho. Ele juntou uma fortuna, financiou suas próprias experiências, viajou como um príncipe, fumou cigarros caros e casou, aos sessenta e cinco

cont. na pág. 89

LOUREIRO DA SILVA - Um homem popular



Loureiro da Silva define a nova geração brasileira. Idealista, devotado, dinâmico, empreendedor. De uma personalidade vigorosa pela energia e sinceridade com que se empenha nas causas públicas, o jovem prefeito de Porto Alegre viu-se transportado para a vanguarda dos mais expressivos valores revelados pelo Estado Novo. O trabalho que o dr. José Loureiro da Silva vem realizando, em Porto Alegre, ultrapassa a tudo quanto

já se empreendeu na história da cidade. Se, de um lado, mobiliza legiões de técnicos e trabalhadores para o saneamento dos bairros operários, de outro organiza os planos da cidade do futuro, preparando-a para o dia de amanhã, ao mesmo tempo que a transfigura com a maior realização urbanística de que temos conhecimento. Não obstante ser um dos mais jovens administradores do Brasil — Loureiro da Silva é de 902 — o prefeito de Porto Alegre possui uma longa folha de serviços ao Estado, escrita num passado cheio de agitação e intensidade. De origem modesta, lutou com sacrifícios para a sua formação cultural, bacharelando-se em 1923. Exerceu as funções de promotor público em Camaquã, São Luiz e São Gabriel. Foi sub-chefe de polícia em Santa Maria e Alegrete, sendo, depois, nomeado prefeito daquela cidade. Veio a Porto Alegre como delegado de polícia e sub-prefeito do 3.º distrito. A seguir foi prefeito de Ga-

cont. na pág. 89

CARLOS SCLJAR - Uma revelação artística



Por ocasião do 1.º Salão da Associação de Artes Plásticas "Francisco Lisboa", ou melhor "Aleijadinho", apareceram diversos pintores novos do Rio Grande. Livre de oficialismo, autônomo, em todos os sentidos, a referida exposição despertou o interesse do público.

Assim como esta, já haviam aparecido no Rio e São Paulo, outras associações idênticas na orientação e no êxito alcançado. Nomes consagrados em nossa pintura alinharam-se no cabeçalho dos prospectos destas associações.

Teremos agora o 2.º salão da Associação "Francisco Lisboa". Os maiores artistas da moderna pintura nacional comparecerão a ela, emprestando-lhe o brilho de seus nomes e dando uma oportunidade única aos que ainda não são devidamente conhecidos. É inegável o mérito de tal iniciativa. Será uma valiosa contribuição educacional para o nosso povo, revelando, ao mesmo tempo, a capacidade artística do Rio Grande e do Brasil.

Com o 1.º Salão da Associação "Francisco Lisboa", surgiu Carlos Scljar, esse menino que tem sobre si os olhos atentos e admirados do público. Sem escola, sem mestres, Carlos Scljar realizou seus quadros e convenceu aos mais cépticos do que será capaz. No Rio, Flávio de Carvalho mostrou-se encantado com a personalidade que há em toda a pintura de Scljar e com a exquísita sensibilidade que o seu lapis revela, quase sem

cont. na pág. 89

Fonte: Revista do Globo, n. 259, 16 de setembro de 1939, p.8. Disponibilizado digitalmente por DELFOS- PUCRS.

O pequeno texto enaltece o "jovem prefeito" e sua disposição para as obras na cidade, além de falar um pouco sobre sua trajetória. Em outro momento, na edição de comemoração do Bicentenário da cidade, uma reportagem de duas páginas sobre Loureiro é apresentada na revista:

Figura 13- “O Amigo Número Um de Porto Alegre- Loureiro da Silva”



LOUREIRO DA SILVA não é apenas o notável administrador que todos nós conhecemos, mas também uma figura de grande projeção na sociedade, dada a sua simpatia pessoal, ciência e cultura. Em cima, vemos-lo a marcar uma “polonaise” com a srta. Hellen Nedel, a mais bela portoalegrense, num baile realizado recentemente.



“Causeur” admirável.

O Amigo Número Um de Pôrto Alegre LOUREIRO DA SILVA

• Há homens cuja vida não pode ser compreendida se não a focalizarmos dentro do próprio e complexo panorama da vida e do destino do seu povo. Nela o bem público é uma vocação que se apodera de todas as forças da personalidade. Ao trabalharem pela coletividade, realizam a própria existência sem o transbordamento da obra de arte.

Está neste caso o dr. José Loureiro da Silva, Prefeito Municipal de Pôrto Alegre, cuja vocação de lutador e artífice, sem a menor condescendência, torna-o um expoente entre as energias moças que estão trabalhando pela grandeza do Brasil.

José Loureiro da Silva nasceu nesta mesma cidade que se está transformando agora sob sua direção, em 19 de março de 1902. Fez seus estudos de humanidades no Ginásio Júlio de Castilhos e formou-se em Direito na Academia desta Capital. Começou sua vida pública em 1922, como promotor em São João do Camapuã, um ano antes de formar-se. Em 1923, passou a exercer as funções de promotor público em São Luiz de Gonzaga, donde foi transferido, mais tarde, para São Gabriel.

Mas a sua inquietação marchou, sempre, lado a lado, com a rapidez de sua ascensão, como a justiça. Dessa forma, veio-lo, em 1924, como sub-chefe da 4.ª Região Policial, com sede em Santa Maria. Em 25, sua capacidade de trabalho o retém em Alegrete, onde assume a dupla responsabilidade da sub-chefia de polícia e da administração do município.

Enquanto isso, o grande remodelador de Pôrto Alegre, que foi Otávio Rocha, assume a direção dos destinos da capital do Rio Grande. A remodelação da cidade teve muito que ver com o futuro de Loureiro da Silva. Em 1926 ele já está em contacto com a gloriosa obra de Otávio Rocha. Vem a Pôrto Alegre, como delegado de polícia e sub-prefeito do 3.º distrito.

Um lapso de três anos e Loureiro da Silva é o intendente de Garibaldi. No mesmo ano de 29 retorna a São Gabriel como sub-chefe de polícia. A revolução de 30 o apanha como intendente de Taquara. Em 32 assume a direção da intendência de Gravataí e constrói a faixa de cimento que liga aquele município à capital do Estado e cujo ulterior desenvolvimento foi a bela estrada de concreto entre a capital e São Leopoldo.

Em 34 abre-se um rápido parêntese. Loureiro da Silva estabelece-se como advogado no foro de Pôrto Alegre. Mas o ano de 35 o devolve à atividade pública. É eleito deputado à Assembleia Legislativa do Estado, em cujo seio atua como um dos elementos mais destacados.

Finalmente, em 1937, por escolha do Gal. Daltro Filho, assume ele o cargo de Prefeito de Pôrto Alegre.

Estes os traços biográficos do homem que vem realizando uma administração surpreendente da cidade de Pôrto Alegre, uma obra que guardará o seu nome para a nossa história.

148

30-11-1940

REVISTA DO GLOBO

Fonte: Revista do Globo, n.285, 30 de novembro de 1940, p. 148. Disponibilizado digitalmente por DELFOS- PUCRS.

Nessa reportagem novamente são ressaltados os atributos do prefeito que como mostra já foi chamado de “O poeta da cidade” por causa do trabalho que estava fazendo de remodelação da cidade. Desse modo, percebe-se o quão admirado era Loureiro da Silva, pelo menos para os editores da revista, principalmente pelo trabalho na modernização da cidade. Loureiro aparentava ser o prefeito ideal para a cidade que se estava construindo.

Mas, como dito anteriormente, Loureiro da Silva contou com as ideias de técnicos especialistas na área da arquitetura e urbanismo. Um desses técnicos foi Arnaldo Gladosch, arquiteto e urbanista que foi contratado pelo prefeito em fins de 1938 e foi coordenador do Plano Diretor. Arnaldo Gladosch nasceu no Brasil, mas como descendente de alemães, conseguiu concluir seus estudos em instituições européias, primeiro na Suíça e após na Alemanha, onde graduou-se na Universidade Técnica de Dresden em meados da década de 1920. Dentre os seus trabalhos urbanísticos, destaca-se a colaboração ao Plano Diretor da Cidade do Rio de Janeiro, sob a coordenação de Alfred Agache. Dessa forma, ao ser contratado por Loureiro, ele já possuía referências e experiência relacionadas à urbanização desde o início do século XX, seja por sua formação na Alemanha ou no Rio de Janeiro.

A partir disso, podemos ver a contribuição de Gladosch em duas áreas: a do urbanismo, através da direção do Conselho e do Plano propondo a canalização do Vale do Riacho, o Bairro Praia de Belas, a construção de um Centro Cívico, a implantação da Cidade Universitária, a Feira de Amostras e a transferência do Hipódromo para a zona sul da cidade (CANEZ, 2006, p. 226-227). Tais propostas, como coloca Anna Paula Canez, iam ao encontro dos planos urbanísticos realizados no início do século XX em todo o mundo para suprir necessidades provenientes das transformações ocorridas no pós-guerra na Europa, no crescimento das Américas e colonização da África e Ásia. (CANEZ, 2006, p. 224). Mas para além dessas propostas, pode-se perceber a contribuição de Gladosch na arquitetura da cidade, sendo possível reconhecê-la nos prédios no centro da cidade, mais especificamente, os prédios que estão à margem da avenida Borges de Medeiros no trecho entre o viaduto da Borges e o Paço Municipal.

A Avenida Borges de Medeiros, no trecho compreendido entre o Viaduto e o Paço Municipal, é o mais significativo exemplo da passagem de Gladosch por Porto Alegre. Cartão postal, sempre na mira dos melhores fotógrafos da Cidade, é trecho exemplar da imagem metropolitana desejada e simbolizadora de uma modernidade que procurava alinhar-se, na época, como a de outros centros urbanos. Vale acrescentar que o ostracismo deliberado a que foi submetido não impediu que algumas ideias de Gladosch, ou das ideias por ele trazidas fossem, ao longo dos planejamentos urbanísticos, consideradas, perpetuando suas proposições. (CANEZ, 2006, p. 250-251)

Para citar, os principais edifícios são SULACAP, SUL AMÉRICA e UNIÃO (CANEZ, 2006). Todas as obras iniciaram após a vinda de Gladosch à Porto Alegre, mas foram finalizadas após ele sair do Conselho. Assim, sua participação para a

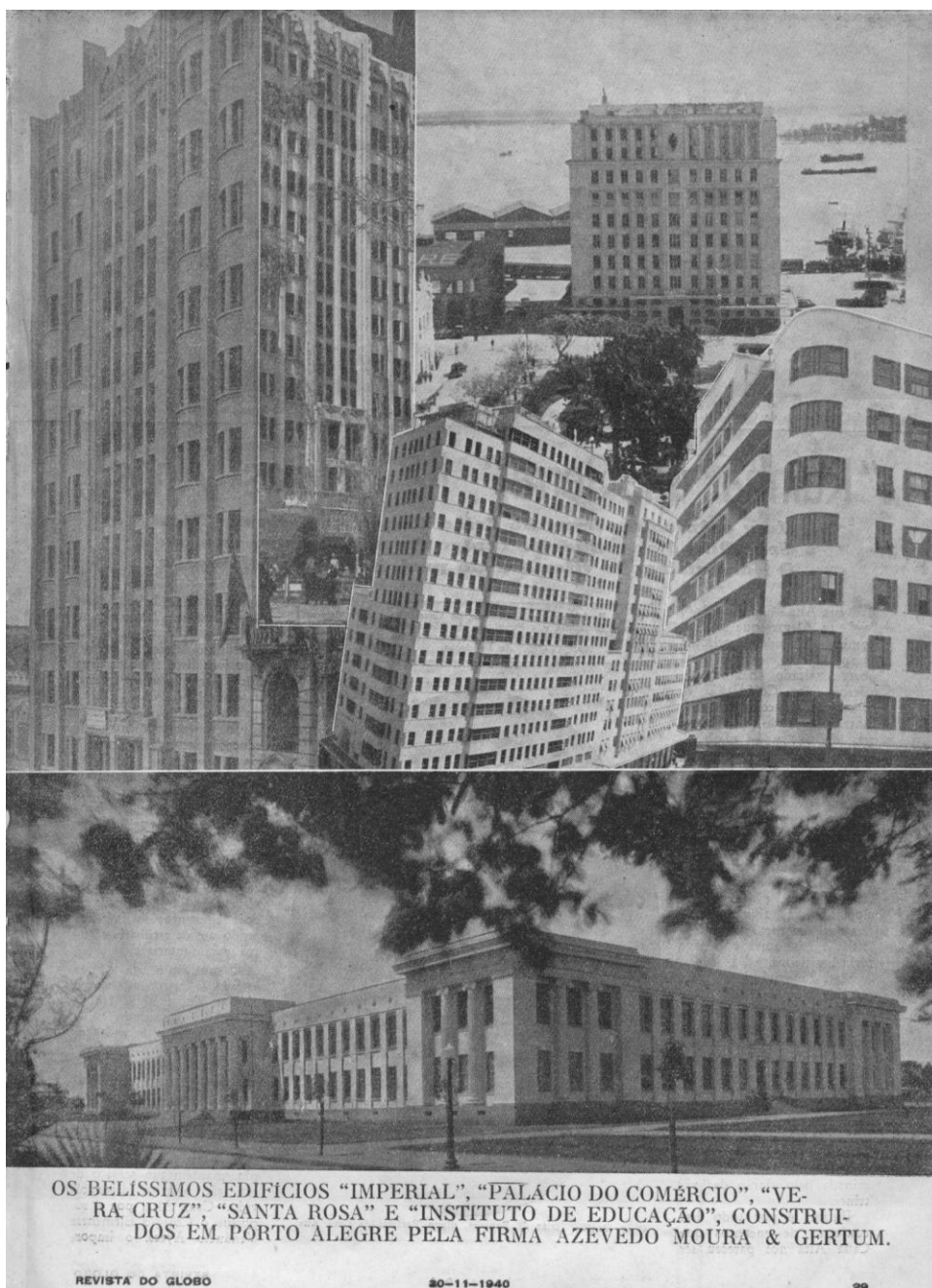
urbanização da cidade foi para além de sua função pública como coordenador do Plano Diretor, deixando marcas que podem ser vistas até hoje na composição urbana da cidade, como podemos ver na continuação do trabalho de Canez:

O exemplo mais claro encontra-se nas galerias, passagens cobertas que protegem o pedestre em parte do passeio público, formadas a partir do avanço dos pavimentos superiores sobre o pavimento térreo, adotadas em legislação urbanísticas bem posteriores àquelas de finais de 30 e início dos 40 e que indicam a continuidade de um modelo que foi trazido a Porto Alegre por Gladosch, seguindo o adotado por [Alfred] Agache no Rio de Janeiro na Praça do Castelo, localizada no bairro de mesmo nome. (CANEZ, 2006, p. 251)

Pensando sobre o legado de Loureiro e Gladosch, pode-se destacar o reloteamento e a verticalização, de início, no centro da cidade, que provocaria uma remodelação da capital. Nesse momento, houve uma intenção de reorganizar o espaço urbano tanto na parte térrea - o redesenho dos terrenos na cidade - quanto na parte aérea - o aumento dos arranha-céus. Sobre esse último, Anna Paula Canez afirma que “os chamados arranha-céus eram vistos como símbolo do futuro, pelas inovações apresentadas, que buscavam acompanhar as frenéticas e desejadas mudanças no modo de morar, de consumir, de circular, de trabalhar e de viver” (CANEZ, 2006, p. 260).

As recorrentes construções alimentavam o setor das diversas construtoras da cidade, como afirma Canez, “a verticalização acelerada provocou explorações, principalmente nos campos estético e técnico” (CANEZ, 2006, p.257). As principais são *Ernesto Woebcke* (1923), *Azevedo, Moura & Gertum* (1932), *Aidos e Companhia*, *Dante & Conceição*, *Haessler Woebcke* (ALMEIDA, 2004, p.218). E não era incomum as propagandas dessas construtoras nos impressos da época:

Figura 14- Propaganda construtora Azevedo, Moura & Gertum



Fonte: Revista do Globo, n.285, 30 de novembro de 1940, p. 29. Disponibilizado digitalmente por DELFOS- PUCRS.

Figura 15- Propaganda da construtora Dahne, Conceição & Cia.



Fonte: Revista do Globo, n.285, 30 de novembro de 1940, p. 232. Disponibilizado digitalmente por DELFOS- PUCRS.

Nessas imagens vemos mais alguns edifícios construídos, dessa vez, pela construtora Dahne, Conceição Ltda. Esses edifícios que aparecem nas duas páginas de propaganda estão localizados no centro - ponto principal das reformas-, assim, podemos ter uma visão da arquitetura que estava decorando a cidade. E para além dessas propagandas, algumas fotografias dos edifícios ilustravam as páginas da *Revista do Globo*.

Figura 16- “Novos Aspectos de Porto Alegre”



FOTO REVISEA DO GLOBO

NOVOS ASPECTOS DE PORTO ALEGRE - 1

Fonte: Revista do Globo, n. 217, 13 de novembro de 1937, p. 17. Disponibilizado digitalmente por DELFOS- PUCRS.

Figura 17 - “Novos Aspectos de Porto Alegre 3: Edifício Renner”

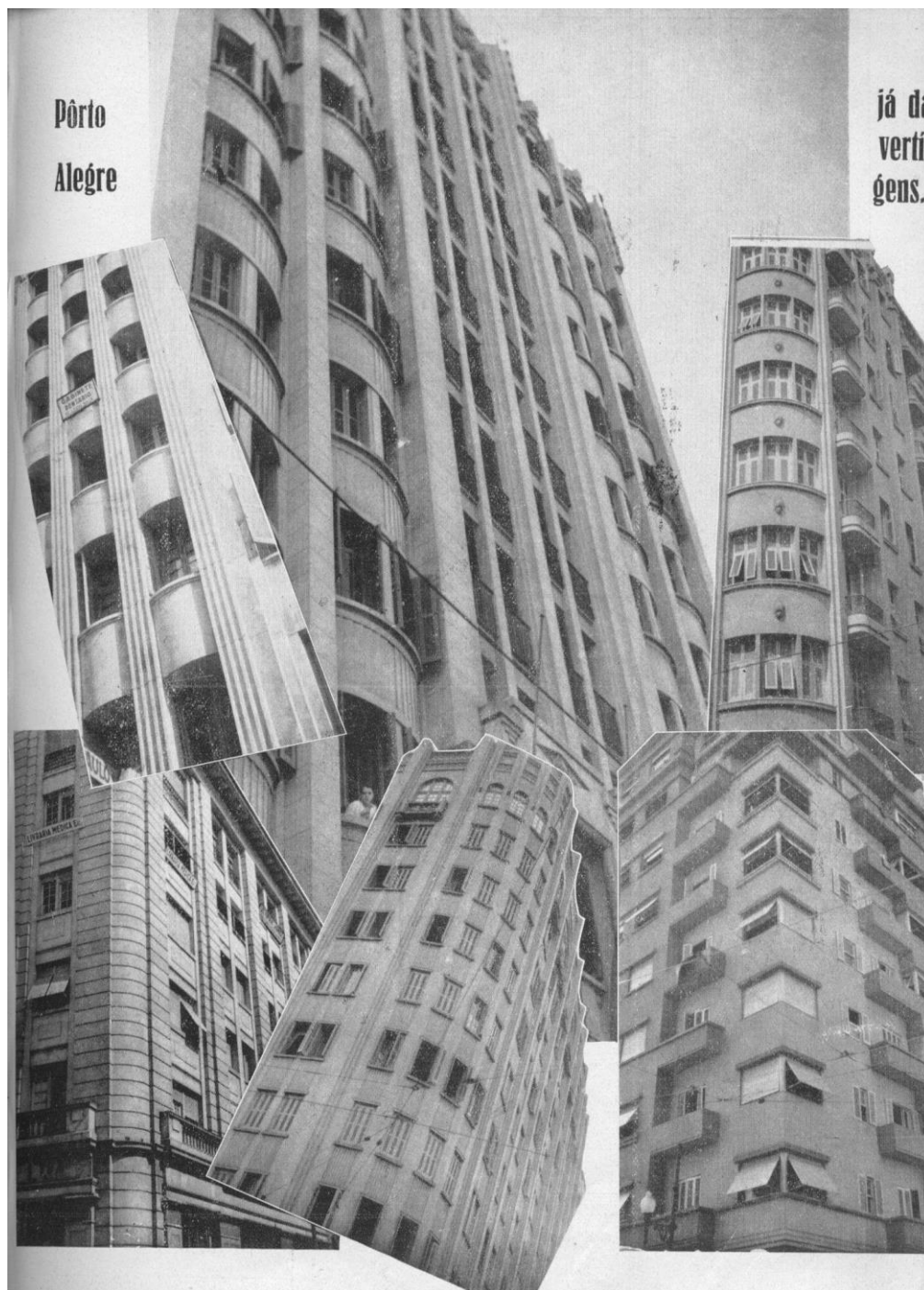


Fonte: Revista do Globo, n.223, 26 de fevereiro de 1938, p. 33. Disponibilizado digitalmente por DELFOS- PUCRS.

No primeiro semestre da administração de Loureiro, a *Revista do Globo* começa a publicar alguns retratos da cidade que viria a ser transformada. Pode-se

perceber que a revista já apreciava a modernização da cidade dando atenção não só ao conglomerado industrial Renner, mas também ao movimento na rua e os veículos estacionados.

Figura 18- “Porto Alegre já dá vertigens”



Fonte: Revista do Globo, n.244, 28 de janeiro de 1939, p. 77. Disponibilizado digitalmente por DELFOS- PUCRS.

A revista continua publicando imagens dos aspectos modernos da cidade, na Figura 18 chama atenção o uso da palavra *vertigem* para designar o auge dos

arranhas-céus em Porto Alegre, dando a entender que aparição dos mesmos - levando em consideração a sua altura - causa a quem os vê uma sensação de tontura ou de movimento da cidade. Além disso, repara-se na colagem feita para mostrar os diversos edifícios, que acaba contribuindo para a sensação de vertigem.

Cabe também destacar o papel desses edifícios, em específico os arranha-céus, no cenário da cidade. Como afirma Anna Paula Canez

Todos esses edifícios representam legitimamente uma arquitetura que buscava uma modernidade quase cênica, dramatizada, ora pela verticalidade propositadamente acentuada, ora pelas curvas que reconheciam as esquinas, ora por uma certa dissolução dos planos da fachada, características que podem ser, de alguma forma, identificadas com o expressionismo, o futurismo, o neoplasticismo, ou mesmo com a Escola de Chicago. (CANEZ, 2006, p.261)

Dessa forma, essas instalações ajudavam a compor o visual moderno almejado, uma vez que acompanhavam as tendências artísticas e arquitetônicas da época.

Figura 19- “Porto Alegre, metrópole moderníssima”



Fonte: Revista do Globo, n. 259, 16 de setembro de 1939, p. 64. Disponibilizado digitalmente por DELFOS- PUCRS.

Na primeira fotografia (Figura 19), podemos ver a iluminação no viaduto Otávio Rocha, já na segunda, as luzes na rua do centro da capital, bem como os carros e

trilhos dos bondes que passavam por ali. Abaixo, reproduz-se alguns trechos do texto que acompanha a imagem:

E, dentro desse *dinamismo poderoso de progresso*, a cidade, transformando-se, apresenta perante os *olhos surpreendidos de seus habitantes*, aspectos sempre novos. A evolução realizada no último decênio é prodigiosa. Sobre a cidade de então ergueu-se uma cidade nova, *moderna, confortável, cheia de movimento, de vida e encanto*.

[...]

Com o crescimento de seu potencial de atividade, melhoraram, consideravelmente, todos os seus serviços. Haja visto os serviços transviários e os de eletricidade, pois bastará compará-los com os de outras cidades brasileiras, para apreciar-lhes sua eficiência e seu aperfeiçoamento. Inegavelmente, Porto Alegre é uma das cidades do Brasil melhor servida de bondes e de iluminação elétrica.

As duas fotografias que aqui estampamos a ideia do que é, à noite, a capital riograndense, com seus efeitos deslumbrantes de iluminação. Sente-se, dentro desta *vibração de luminosidade intensa, palpitando na noite, a sinfonia de uma cidade moderna, culta e civilizada, transbordando de vida*.

Percebe-se que o elogio aos serviços da cidade dá a sensação de um entusiasmo frente ao que a cidade estava se tornando. Destaca-se o adjetivo “*moderna*” que se repete algumas vezes e parece tratar da aspiração de modernidade que o autor observava. E isso faz parte do conceito de modernidade definido por Marshall Berman quando ele diz que:

Designarei esse conjunto de experiências como “modernidade”. Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor - mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. (BERMAN, 1986, p.15)

Assim, o que é relatado na figura anterior faz parte dessa experiência de espaço e tempo - como o autor também coloca. A sensação de novidade, progresso e crescimento provoca em quem participa um certo otimismo e admiração pelas transformações. Entretanto, como coloca Sandra Pesavento, é preciso entender que existem diferentes formas de ver e ler a cidade que envolve “lógicas sociais” (PESAVENTO, 1995, p.283). No caso deste trabalho, estamos falando de uma revista escrita em sua maioria por homens que tiveram acesso a alfabetização e que se encontram na camada média da sociedade, mas com relações com as elites políticas e econômicas. O veículo e seus editores se mostram simpáticos ao regime, a Vargas, a Loureiro e suas reformas. Portanto o sentimento otimista pode ser genuíno e isso se justifica quando pensamos no conceito de imaginário.

O imaginário é histórico e datado, ou seja, em cada época os homens constroem representações para conferir sentido ao real. Essa construção de sentido é ampla, uma vez que se expressa por palavras/discursos/sons, por imagens, coisas, materialidades e por práticas, ritos, performances. O imaginário comporta crenças, mitos, ideologias, conceitos, valores, é construtor de identidades e exclusões, hierarquiza, divide, aponta semelhanças e diferenças no social. Ele é um saber-fazer que organiza o mundo, produzindo a coesão ou o conflito. (PESAVENTO, 2012, p. 43)

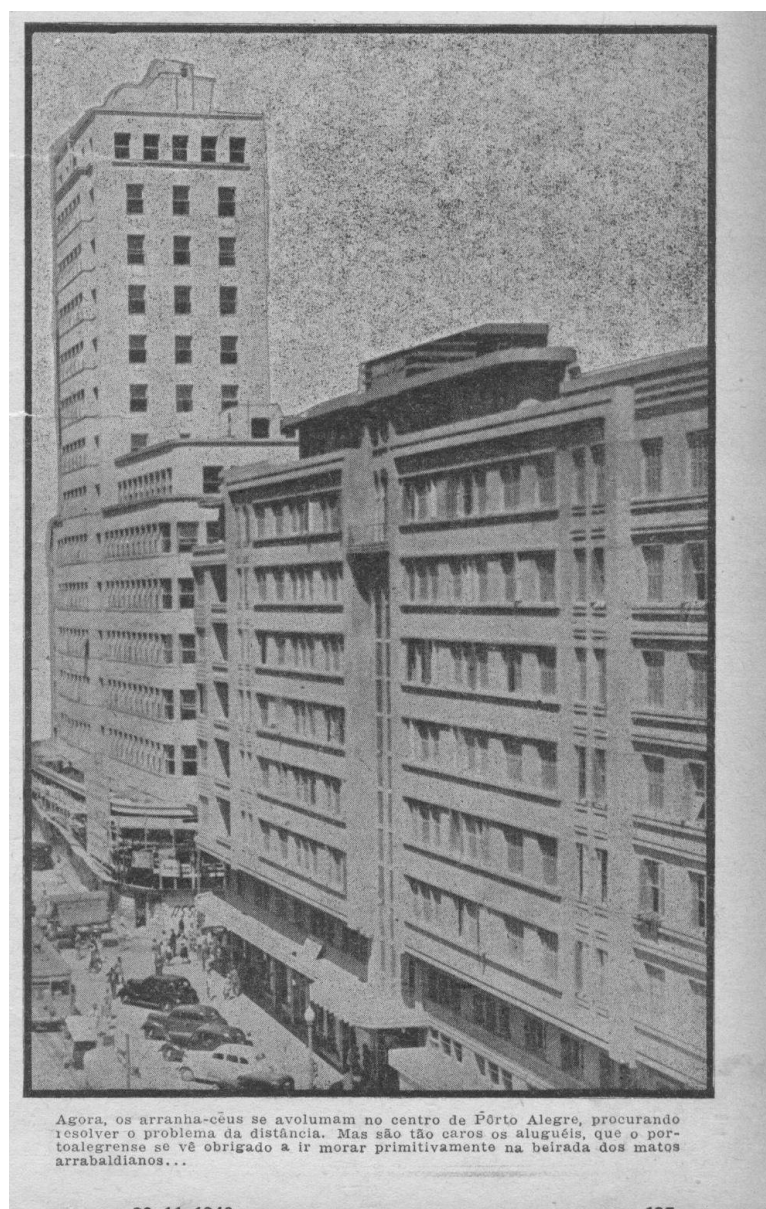
A crença no progresso se faz real pois é o que organiza o ambiente em que os editores estão vivendo e dá sentido à sua própria existência no meio do caos. Mas além disso, isso é usado para legitimar as próprias reformas frente a seus leitores.

Essa sensação é generalizada ao momento que se estava vivendo, independente do lugar. Berman traz o exemplo da cidade Nova Iorque que:

Por mais de um século, Nova Iorque tem servido de centro para as comunicações internacionais. A cidade deixou de ser um mero teatro, para se transformar a si mesma numa produção, num espetáculo *multimedia* cuja audiência é o mundo inteiro. Isso deu ressonância e profundidade especiais à maior parte do que é dito ou realizado aqui. Boa parte da construção e do desenvolvimento de Nova Iorque ao longo do século passado deve ser vista como ação e comunicação simbólicas: tudo foi concebido e executado não apenas para atender as necessidades econômicas e políticas imediatas, mas, pelo menos com igual importância, para demonstrar ao mundo todo o que homens modernos podem realizar e como a existência moderna pode ser imaginada e vivida. (BERMAN, 1986, p.273)

Pode-se dizer que, levando em conta as proporções diferentes das cidades, o prefeito de Porto Alegre e seus colaboradores urbanistas seguiram no mesmo caminho no sentido de mostrar aquilo que “os homens modernos” daqui poderiam realizar. É claro que as transformações que eram feitas na cidade não eram sempre bem recebidas - como vimos no caso do Beco do Oitavo. Na mesma edição do Bicentenário, entre as exaltações a Loureiro e suas obras, encontrou-se um trecho que chamou a atenção.

Figura 20- Prédios no centro da cidade



Fonte: Revista do Globo, n. 285, 30 de novembro de 1940, p. 195. Disponibilizado digitalmente por DELFOS- PUCRS.

Junto à fotografia de um conjunto de edifícios lê-se: *Agora, os arranha-céus se avolumam no centro de Porto Alegre, procurando resolver o problema da distância. Mas são tão caros os aluguéis, que o portoalegrense se vê obrigado a ir morar primitivamente na beirada dos matos arrabaldianos...* O trecho põe em questão para quem, de fato, essas novas instalações serviam, pois dá a entender que os aluguéis no centro da cidade não eram acessíveis para uma boa parte da população. Afinal, quem tinha condição de arcar com os valores das novas moradias no centro da cidade?

Em nenhum registro das reuniões do Plano Diretor, Loureiro ou Gladosch pareciam se importar com a população que ficaria desabrigada por causa das desapropriações imobiliárias. Segundo Silvio Belmonte de Abreu Filho,

Para Gladosch, como no ciclo da vida, na cidade as células velhas- as casas antigas- são demolidas dando lugar a novos edifícios, e a maneira mais lógica para executar um Plano Diretor consiste em tirar o melhor partido possível desta transformação espontânea. Ataca as inadequações e deficiências dos padrões de loteio da cidade tradicional, de desenvolvimento espontâneo, e defende a intervenção por desapropriação ou permuta, com posterior loteamento de acordo com padrões adequados. (FILHO, 2006, p. 142)

Percebe-se que o desejo pela urbanização era maior que a preocupação com os moradores das zonas de interesse da administração municipal. E como já acontecia desde o início das reformas, a população vulnerável que morava no centro da capital viu-se obrigada a viver nos arrabaldes. Não só por motivos morais (higienistas), mas também por motivos econômicos, uma vez que o custo de vida aumentava conforme o crescimento e reorganização da cidade.

Criou-se um estigma sobre a população para legitimar as desapropriações. Se colocados como aspectos negativos da cidade, não haveria um apelo popular contra a demolição desses lugares. Esse estigma relacionado a modernização da cidade está presente desde a República Velha (1889-1930), onde também ocorreram algumas reformas, e é tratado por Sandra Pesavento. Cabe dizer que mesmo em outro contexto político as preocupações com a estética, modernidade e higiene e ordem também existiam. No mesmo artigo, Pesavento aborda a questão dos becos, que eram tidos como lugares malquistos no centro da cidade:

Na contramão das intervenções urbanas, os “becos” eram o espaço da contra-ordem. A sua destruição se impunha, para a modernização do espaço urbano, com que se eliminariam as sociabilidades indesejadas. Símbolos do atraso, os “becos” seriam o alvo de um discurso ao mesmo tempo técnico, higienista, estético e moralista que visava varrer os pobres do centro da cidade e que passa a se veicular com força após a República, última década do século. (PESAVENTO, 1999, p.199)

A questão dos becos também é vista na administração de Loureiro da Silva. Como vimos anteriormente, uma das primeiras ações relacionadas à reorganização urbana foi a destruição do Beco do Oitavo. No trabalho de Bednarz, vemos que o tema da limpeza urbana e retomado:

Publicada na contracapa da edição de domingo, em espaço e dia considerados nobres, tratava-se de uma resposta oficial às questões apontadas nas cartas publicadas pelo *Correio do Povo*, o que impossibilita identificar o posicionamento do *Diário* neste caso. Sobre a demolição do beco

ocorrida 16 dias antes, o Charrua não abordou os aspectos viários da obra, presente nos relatórios mencionados anteriormente, e confirmou a intenção de promover uma *faxina social* no centro da cidade (BEDNARZ, 2011, p.33)

O charrua, como Loureiro era chamado, deu uma entrevista ao *Correio do Povo* onde priorizou a função higienista – a “faxina social” - de suas reformas na parte central da cidade. Dessa forma, é preciso levar em consideração que as reformas iam além de uma questão meramente urbanística, elas falavam de afastar os indesejados da área central, principalmente.

Essa questão moral em relação à urbanização de Porto Alegre não era nova. Desde o fim do século XIX, na imprensa e administração pública, já havia o discurso de “limpeza” das áreas centrais da cidade, a expulsão dos moradores pobres, o extermínio dos cortiços, das ruelas e becos repletos de casa velhas onde moravam os e trabalhavam os pobres (PESAVENTO, 2001; MAUCH, 1994). As intervenções nesses espaços faziam parte desse *saneamento moral* (MAUCH, 2004) pretendido pelas autoridades em nome do progresso e da modernidade, e durante o Estado Novo há a continuidade desse discurso, tendo êxito na administração de Loureiro da Silva. Além disso, cabe destacar que, dentro do processo de remodelação da cidade após a proclamação da República, as habitações e moradias populares se tornaram um problema. No trabalho de Marcus Vinicius de Freitas Rosa, constata-se que, desde de fins do século XIX e início do XX, houve uma perseguição aos cortiços e seus habitantes por meio da administração de José Montauray:

Com a instauração da República, o Primeiro Distrito de Porto Alegre, ou mais especificamente o “centro” da cidade, passou a ser cada vez mais visto por administradores públicos, urbanistas e muitos jornalistas como o local de onde deveriam emanar comportamentos, estilos de vida, exemplos e paradigmas de modernidade, progresso e civilidade, compreendidos como valores “universais”, ainda que importados da Europa. Médicos, higienistas, advogados, engenheiros e urbanistas, entre os quais havia muitos ex-senhores de escravos interessados na disciplinarização dos trabalhadores, defendiam com justificativas “científicas” a inerente inferioridade dos negros e a periculosidade natural dos pobres. Não foi casualidade, portanto, que o tenso processo de higienização do espaço urbano porto-alegrense tenha começado justamente na “cidade alta”, ou seja, na cidade propriamente dita, repleta de cortiços, porões, sobrados locados e sublocados por proletários sempre caracterizados como feios, sujos, malvados e nocivos. Eram as habitações coletivas e seus miasmas pestíferos que despertavam as intervenções técnicas, científicas e higienistas que visavam expulsar da “cidade alta” (...) (ROSA, 2014, p.179)

No trecho percebe-se que a municipalidade, munida do discurso técnico-científico-higienista, buscava impor no centro da cidade valores e comportamentos

modernos, progressistas e civilizados. Essa imposição implicava no extermínio ou pelo menos na perseguição daqueles lugares tidos como “*feios, sujos, malvados e nocivos*” e o principal alvo eram os cortiços que muitas vezes eram coabitados por negros (recém libertos) e brancos (imigrantes) pobres, sendo em vários momentos a única opção de moradia. Essa coabitação resultava em relações étnico-raciais interessantes que no momento não iremos aprofundar, mas o trabalho de Rosa analisa de forma excepcional.

A questão da falta da habitação precária ou da falta de moradia continua até a década de 1940, onde começam a aparecer as chamadas “*vilas de malocas*”. Nos trabalhos de Vinicius Furini e Rodrigo Weimer tem-se análises sobre as representações construídas sobre as vilas e seus habitantes. Segundo Weimer, essas “vilas de malocas”

(...) são conjuntos heterogêneos de moradias populares, que convergem em aspectos como fragilidade dos títulos legais de acesso à terra, a precariedade das moradias e condições infraestruturais- luz, água, saneamento, calçamento- e a situação entre a pobreza e a extrema pobreza de seus habitantes. Elas surgiram, cresceram e em muitos casos já receberam os primeiros despejos nas décadas de 40 e 50. Em Porto Alegre, elas se situaram, no momento recortado, principalmente na região central (Doca das Frutas), nos bairros Partenon (Santa Luzia e Maria da Conceição), Santana (Forno do Lixo), Menino Deus e Cidade Baixa, às margens do arroio Dilúvio (Ilhota, Eucaliptos, DTO), Navegantes (Dona Teodora), Bom Jesus (Mato Sampaio) e Medianeira (Caiu do Céu). (Weimer, 2018, p.497-498)

Percebe-se que essas vilas são construídas em lugares que sofreram algum tipo de intervenção ou que se pretendia intervir durante a administração de Loureiro da Silva, como por exemplo, o centro, a zona sul, os arredores do arroio dilúvio, o bairro Navegantes. Assim, pode-se pensar no impacto que essas reformas urbanas tiveram no surgimento das vilas de malocas, uma vez que, como vimos, as reformas implicaram na expulsão dos sujeitos tidos como indesejados do centro da capital. Essa expulsão poderia resultar na construção precária dessas moradias no meio urbano.

Como apontam Furini e Weimer, Loureiro da Silva não chega a usar o termo *malocas* em *Um Plano de Urbanização*, porém ele não deixa de notar a existência de habitações precárias (Weimer, 2018, p. 507) ou de considerar que essas áreas insalubres resultariam em um problema para o desenvolvimento urbano (FURINI, 2018, p. 30). E como ocorria com os cortiços, as malocas e seus habitantes eram estigmatizados pela imprensa da capital, como afirma Furini:

Desde seu aparecimento, as “vilas de malocas” foram palco de disputas simbólicas e materiais, sendo constantemente caracterizada pela imprensa e poder público de maneira depreciativa, produzindo e reforçando estigmas sobre elas e seus moradores, denominados pejorativamente de “maloqueiros” (FURINI, 2018, p.31)

Cabe salientar que esses três trabalhos utilizam a imprensa para investigar os discursos e representações em torno das populações que habitavam aquelas moradias. Furini utiliza o jornal Diário de Notícias; Rosa, os jornais A Federação, O Exemplo e o Correio do Povo (para citar apenas alguns); e Weimer, os jornais Correio do Povo e Diário de Notícias. Os trabalhos entendem a imprensa não só como reprodutora de um discurso, sendo responsável pela difusão de determinados preconceitos aos seus leitores.

Se Loureiro não chega a falar de *malocas*, na *Revista do Globo* encontramos a referência ao termo em no mínimo duas reportagens que narram a miséria na cidade de Porto Alegre. Citaremos essas duas reportagens para complexificar a forma como a Revista se apresentava. A primeira se chama “O clube dos jornaleiros” que saiu na edição número 324 em 08 de agosto de 1942.

Figura 21- “O clube dos jornalheiros”



Fonte: *Revista do Globo*, n. 324, 08 de agosto de 1942, p. 20. Disponibilizado digitalmente por DELFOS- PUCRS.

Escrita por Justino Martins, a reportagem narra a situação dos jornalheiros “pequeninos, magros e sujos” (*REVISTA DO GLOBO*, 1942, p.21) que são responsáveis pela entrega dos jornais na cidade e é dessa atividade que os “guris” ganham seu sustento. O termo “maloca” aparece fazendo referência aos cantos no centro da cidade onde esses “guris” se amontoavam para dormir, pois muitos não conseguiam voltar para suas casas. (*REVISTA DO GLOBO*, 1942, p.23)

Figura 22- A “maloca”



da namorada ou de amigos respeitáveis, não pode recusar; passa-lhe a moeda de mil réis. E os guris desapparecem. O golpe, na verdade, requer inteligência e um prévio exame da situação em que se encontra a vítima. Mas, de qualquer forma, nem sempre dá o resultado esperado. Às vezes, o freguês paga a taça ao garçon e manda os irmãos beberem o café com leite. Então, observa-se uma cena interessantíssima: “Balalaica” e “Sete Meis”, sempre juntos, pedem dois canudos e chupam o café ao mesmo tempo, numa corrida doida! Quase entornam a xícara e esquecem o pão que, terminada a festa, é metido no bolso.

Perguntei a eles:
— Vocês tomam muitas xícaras de café por dia?

“Sete Meis”, o menor, afundou a mão no bolso das calças, riscou o chão com o dedo grande do pé e respondeu, olhando para um lado:

— Eu chego a tomar três taças...

— E não achas que isso é demais?

— Não. Nós não jantamos. Saímos de casa ao meio-dia e só voltamos à meia-noite.

Em verdade, porém, muitos jornalheiros não dormem em casa.

A “MALOCA”

“Maloca” é o nome que eles dão aos recantos do centro da cidade onde costumam dormir, aos grupos, usando frangalhos de jornais como colchão e cobertas. As “Malocas” mais confortáveis são as portas dos edifícios de apartamentos que permanecem abertas durante a noite e que não têm porteiros. Em baixo das escadas, ou atrás dos elevadores, os guris se aninham, depois que a cidade morre, e dormem até a hora da saída dos matutinos. Mesmo no inverno eles se submetem à “maloca”, porque, se quisessem ir dormir em casa, teriam que perder tempo, dinheiro e não conseguiriam es-

(Cont. na página 22)

A MALOCA. Finalmente, após um dia de lutas, os jornalheiros abrigam-se em qualquer recanto da cidade, onde passam a noite. Muitos ficam até uma semana fora de lar.

23

Fonte: *Revista do Globo*, n. 324, 08 de agosto de 1942, p. 23. Disponibilizado digitalmente por DELFOS- PUCRS.

A reportagem de quatro páginas apresenta imagens que ilustram a situação desses meninos, como é retratado na Figura 22. Ainda sobre o “clube de jornalheiros” o jornalista continua:

Não se banham, não mudam roupa e aprendem vícios horríveis. Nos últimos tempos, a polícia tem procurado dissolver as “malocas”, mas os jornalheiros conhecem melhor as ruas de Porto Alegre que o próprio urbanista Gladosch... (*REVISTA DO GLOBO*, 1942, p.53)

Nesse trecho temos uma referência irônica ao próprio Arnaldo Gladosch. A perseguição aos lugares onde esses meninos se estabeleciam lembra o que aconteciam com as “vilas de malocas”, como pode ser visto nos trabalhos de Furini e Weimer, bem como a facilidade e rapidez com que esses agrupamentos aconteciam.

Em outra reportagem, chamada de “O drama dos marginais”, vemos a situação daqueles que se encontram em situação de miséria na capital de “um dos Estados mais ricos do Brasil” (*REVISTA DO GLOBO*, 1943, p. 19). Também escrita por Justino Martins, a reportagem denuncia a situação daqueles que vivem em malocas situadas nos mais variados locais da cidade: nos arrabaldes ou terrenos baldios ao longo de avenidas. Como coloca Martins, “suas malocas, contam-se às centenas e são como

pequenas nódoas na alvura da cidade renovada” (REVISTA DO GLOBO, 1943, p.19). Nesse trecho, o jornalista reconhece a presença das malocas frente a transformação e assepsia da cidade ao usar termos como *nódoas*, *alvura* e *renovada*. São três páginas que registram através da escrita e das fotografias a miséria que esses “marginais” vivem.

Figura 23- “O drama dos marginais...”

O DRAMA DOS MARGINAIS...

FOME, DOENÇA E MISÉRIA NUM DOS ESTADOS MAIS RICOS DO BRASIL — O FILME DESSES FLAGELADOS DA SORTE; COMO ÊLES VIVEM, PENSAM, DORMEM E COMEM — CENAS TÃO DRAMÁTICAS QUANTO AS ESTATÍSTICAS

Texto por JUSTINO MARTINS Fotografias por SANTOS VIDARTE

Faz precisamente três meses que a face do Rio Grande se tornou irreconhecível. De súbito, como que atingida por um desses setembrinos golpes de vento, ela mudou de cor e de expressão. O sol primaveril iluminou aos olhos de todos a grandeza duma situação que, por muito tempo, vinha permanecendo encoberta pelo diafanismo da indiferença. E, então, sob o signo da estação renovadora, a verdade sobre-nadou, caótica, aflitiva e até



OS "MARGINAIS"... Eles são assim: numerosos, maltrapilhos, de fisionomia estereotípica, de aspecto doloroso, fazendo lembrar aqueles famosos personagens de "Vinhas da Ira". Estão sepultados por todos os arrabaldes de Porto Alegre e até mesmo pelas ruas centrais, junto aos muros em ruínas ou nos terrenos baldios ao longo das avenidas. Suas malocas, contornadas de entenas e são como pequenas nódoas na alvura da cidade renovada. Esta é a família-órfão de Francisco Herédia, um acrobata de São Jerônimo que trabalhou oito anos no subúrbio, teve a coluna vertebral ofendida por um acidente e foi despedido sem indenização. Com sua mulher e filhos (apenas três dos que apareceram aí são seus filhos, mas vivem agora com ele, porque são órfãos) Herédia veio a H. Alegre a fim de protestar junto ao Governo contra a situação em que o deixaram. Mas seus protestos não tiveram eco e, sem poder trabalhar, viu-se, de súbito, na miséria. Corajoso, porém, seu "Chico" reuniu a família e instalou-se numa "colônia" de malocas que existe atrás do estádio de Grêmio, sob frondosas árvores. Sua casa é feita de frangalhos e possui apenas três paredes. A quarta já falta de trapos. Quando chove, a família se amontoa e suporta a intempérie. Comida? Os filhos saem a pedir pelas ruas... Muitos deles já passaram pela Santa Casa, e só se salvaram porque a natureza os tem protegido mais que seus próprios semelhantes.

27/11/943
REVISTA DO GLOBO
19

Fonte: *Revista do Globo*, n. 352, 27 de novembro de 1943, p. 19. Disponibilizado digitalmente por DELFOS- PUCRS.

Ao longo da reportagem são narradas as situações que as famílias passam por terem condições precárias de vida, como por exemplo, a alimentação:

Por isso, a mãe costuma sair com o filho de colo durante o dia, mendigar restos pela cidade. Quando volta, traz dos açougues ossos descarnados, patas de boi etc. e põe tudo a ferver numa grande lata. Aquilo cheira mal à distância! Mas as crianças ficam de olhinhos arregalados, esperando. “Depois” - disseram-me elas- “a barriga da gente fica inchada, de noite e dói muito”. (REVISTA DO GLOBO, 1943, p. 20)

Na reportagem também aparece a preocupação do Estado com a situação dessa população. Além disso, a própria Revista se preocupou em fazer parte da denúncia ao elaborar e publicar essa matéria. Mesmo com as preocupações, o problema não pareceu ter sido resolvido tão cedo, conforme escrito pelo jornalista e como demonstraram os trabalhos de Furini e Weimer esse problema se estenderia pelas próximas décadas.

Figura 24- "Constroem assim..."



Fonte: *Revista do Globo*, n. 352, 27 de novembro de 1943, p. 21. Disponibilizado digitalmente por DELFOS- PUCRS.

Na Figura 24 temos uma imagem de umas das habitações que conforme a Revista poderiam ser “encontrados em plena Av. Borges de Medeiros, no coração de Porto Alegre quase ao lado dos arranha-céus” (*Revista do Globo*, 1943, p.21). Novamente percebe-se que o jornalista reconhece aspectos das transformações - os arranha céus- em relação à situação de pobreza de uma parcela da população que se misturava ao centro urbano.

Assim, voltamos para a fonte utilizada neste trabalho: a *Revista do Globo*. Percebe-se então que a imprensa tem um papel duplo na sociedade moderna: além

de reproduzir um discurso pautado em valores ou estigmas sobre um determinado grupo, ela também produz esses valores e estigmas, e por fim acaba legitimando-os frente aos seus leitores. Ao mesmo tempo em que se encontra fascinada pelas mudanças, a *Revista* não deixa de relatar os problemas sociais, conforme constata Marisângela Martins em seus trabalhos:

As mudanças protagonizadas por Justino Martins podem ser visualizadas a cada edição. Aos poucos, as páginas dedicadas aos interventores, ao presidente Vargas e a assuntos e acontecimentos sociais – entenda-se da elite – diminuíram consideravelmente, dando lugar a um número crescente de reportagens, crônicas, críticas e ensaios. As reportagens – inúmeras produzidas por Justino – abordavam não somente questões da política internacional, mas também aspectos da vida dos populares (gafieira, candomblé etc.) e graves problemas sociais, como a miséria em Porto Alegre e outras capitais, a marginalização do gaúcho que vivia no campo, os meninos que trabalhavam como jornaleiros, os menores abandonados, os moradores de rua e as mulheres que viviam no presídio feminino. Quando tais temas vinham à baila, os textos geralmente eram narrados em tom dramático. (MARTINS, 2010, p.105)

Cabe dizer que essa mudança e a preocupação com os problemas sociais deve-se à associação de Justino Martins ao Partido Comunista do Brasil. Dessa forma, os anos de Martins na *Revista* são marcados por uma sensibilização maior em relação às questões que atingiam a população mais vulnerável da capital e de outras cidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos esforços nesse trabalho foi sempre tentar situar o leitor em relação aos produtores dos materiais, imaginário, discursos e planos sobre a questão urbana e a modernidade em Porto Alegre. Como afirma Roger Chartier, é graças a esses produtores que o presente adquire sentido. Um sentido que lhe é dado, no caso deste trabalho, pela elite ou intelectuais.

Variáveis consoante as classes sociais ou meios intelectuais são produzidas pelas disposições estáveis e partilhadas, próprias do grupo. São estes esquemas intelectuais incorporados que criam figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço decifrado.

(...)

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as escolhas e condutas (CHARTIER, 2002, p.17)

Isso se aplica ao caso da Revista do Globo. Precisa-se compreender que o periódico não fala de um lugar neutro. Seja por sua posição cultural, econômica e política na sociedade porto-alegrense ou pelos vínculos que seus editores possuíam, pois como foi visto o fato do presidente Getúlio Vargas ter circulado pela Livraria do Globo e ser considerado um dos fundadores da *Revista* explica a exaltação da figura de Vargas nos primeiros anos do periódico. Assim como o fato do diretor da publicação durante os anos de 1939 até 1947 ter sido filiado ao Partido Comunista do Brasil explica o fato das diversas matérias sobre comunismo e a União Soviética, além das reportagens feitas pelo próprio sobre os problemas sociais que acometiam a cidade de Porto Alegre.

Ao falar sobre as reformas urbanas, a Revista celebra as transformações trazendo fotografias aéreas e narrando as mudanças que ocorriam na cidade. Simultaneamente, o periódico não deixou de escrever sobre os problemas sociais: seja registrando a situação em que os meninos jornaleiros viviam ou as famílias que viviam nas malocas espalhadas pela cidade ou em um comentário sobre o valor dos aluguéis. E uma coisa não exclui a outra, ao celebrar as reformas urbanas e publicar os problemas que acometiam a população da capital, lembra-se de Marshall Berman definindo a modernidade como uma experiência paradoxal que fascina na mesma medida em que causa angústia. Assim, pode-se dizer que o encanto pelo progresso

e o horror à miséria e a marginalidade são parte dessa experiência narrada pela Revista do Globo.

Volta-se também ao conceito de imaginário que é utilizado para entender as percepções que os editores da Revista possuíam sobre o contexto de urbanização em que estavam inseridos. O uso de termos como *moderno*, *moderníssima* e *metrópole* para se referir à cidade- mesmo ela não sendo uma metrópole- podem ser entendidos como uma das aspirações que eles, enquanto habitantes da capital, possuíam em relação às transformações que vivenciavam. A forma como eram apresentadas as imagens dos edifícios e arranha-céus também indica a visão e a sensação de se estar em um ambiente em constante mudança. As páginas exaltando a figura de Loureiro da Silva indicam que a Revista era favorável aos projetos do prefeito e acabava legitimando seus aspectos modernos e visionários.

No fim das contas, mesmo sendo exaltadas pelas elites e intelectuais, as reformas urbanas continuaram a produzir situações de desigualdade nos grandes centros. Como foi visto no Capítulo 2, a remodelação da área central da cidade resultou em desapropriações arbitrárias de moradias em lugares tidos como indesejáveis e colocados dessa forma, pois assim, haveria uma “justificativa” para tais desapropriações. Essas justificativas eram elaboradas por meio de vários argumentos como a questão da renovação, da higiene e moral. Os lugares formados pela população vulnerável da cidade que sofria com estigmas produzidos e reproduzidos pelo poder público e imprensa. Dessa forma, conforme Gonçalo Gonçalves (2008), a urbanização da cidade possuía fundamentos técnicos (por meio dos engenheiros que elaboraram os planos urbanísticos das cidades), de higiene (a medicina da época estava preocupada com o saneamento urbano) e morais (os vícios eram fiscalizados e repreendidos pela polícia).

Esses argumentos, então, acabavam por orientar a ação de “limpeza” da cidade para os lugares habitados por sujeitos mal vistos desde fins do século XIX quando se iniciaram os projetos de remodelação urbanas. Temos os exemplos dos cortiços desse período, dos becos que pertenciam à paisagem urbana e iam sendo destruídos à medida em que a cidade crescia e dava espaço para as avenidas, e, a partir da década de 40, tem-se o surgimento das *malocas*, um aglomerado de habitações formado pela população que não tinha condições e espaço para se inserir nos arranha-céus do centro da capital.

Cabe reafirmar que a Revista não deixou de registrar quinzenalmente as reformas e reuniões do Conselho do Plano Diretor comandado por Loureiro da Silva e Arnaldo Gladosch, ao mesmo tempo não estava completamente alheia às causas sociais, o que não significa que ela não possa exprimir juízos morais sobre essas situações. O problema da moradia em Porto Alegre não era um problema novo na cidade, mas com certeza, ao executar suas reformas, Loureiro complexificou essa questão resultando nas “vilas de malocas”.

Assim, por mais que essa situação não seja nova no período de 1937 e 1943, ela não terminaria aí com as reformas urbanas de Loureiro da Silva. Afinal, a miséria, gerada pela desigualdade no mundo capitalista, compôs- e ainda compõe- a paisagem do espaço urbano.

Dessa forma, o presente auxilia a entender uma parte do impacto das reformas de Loureiro na cidade de Porto Alegre e busca somar aos estudos do processo de urbanização da mesma. Na mesma medida, entende-se que o trabalho se limita a mostrar uma visão específica desse processo pois se apoia em um produto cultural daquele período que foi criado por uma parte dos intelectuais da época com interesses, habilidades e capitais culturais, político e econômicos que possibilitaram tanto o desenvolvimento da Revista do Globo quanto os comentários que apontavam os problemas da cidade durante um regime autoritário. Além disso, este trabalho, por focar na questão urbana, não se aprofunda tanto em questões envolvendo os produtores da Revista e o círculo intelectual da época ou na recepção de seus leitores ao se depararem com as reportagens exaltando as reformas na cidade e com aquelas que apontavam os problemas sociais da mesma.

Por fim, cabe dizer que o trabalho com a Revista do Globo se torna muito interessante quando nos deparamos com figuras como Justino Martins ou a construção visual e textual em torno das reformas urbanas pois traz para o presente as percepções e interesses daqueles que a produziam e que aqui, de uma forma limitada, pretendeu-se analisar.

FONTES

Revista do Globo. Porto Alegre, n. 198 de 16 de janeiro de 1937 a n.353 de 18 de dezembro de 1943. Disponibilizado por DELFOS- Espaço de Documentação e Memória Cultural- PUCRS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Soares de. **Transformações urbanas: atos, normas, decretos, leis na administração da cidade- Porto Alegre, 1937/1961**. 2004, 301 p. Tese (Doutorado em Estruturas ambientais e urbanas)- Programa de Pós-Graduação, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo. São Paulo, SP. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16131/tde-20112006-105810/pt-br.php>> . Acesso em: 29 de setembro de 2021.

BATISTA, Karina Ribeiro. **A Trajetória da Editora Globo e sua inserção no campo literário brasileiro nas décadas de 1930 e 1940**. 2008, 226 f. Tese (Doutorado)- Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/1901>>. Acesso em: 20 de setembro de 2021.

BEDNARZ, Adriana. **Beco da desordem: rua 3 de novembro e as reformas urbanas na administração de José Loureiro da Silva (1937-1943)**. 2011, 55 f. Trabalho de conclusão do curso de História. UFRGS. Porto Alegre, RS. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/36994>>. Acesso em: 29 de setembro de 2021.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo, Companhia das Letras, 1986.

CAPELATO, Maria H. O Estado Novo: o que trouxe de novo?. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida N. (orgs.). **O Brasil Republicano: o tempo do nacional estatismo- do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. pp. 107-144.

CANEZ, Anna Paula. **Arnaldo Gladosch: o Edifício e a Metrópole**. 2006, 603 p. Tese (Doutorado)- Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da UFRGS. Porto Alegre, RS. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/8588>>. Acesso em: 29 de setembro de 2021.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. 2 ed. Lisboa: Difusão Editorial, 2002.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**, São Paulo, n. 35, 2007, pp. 253-270.

DE LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. 3ed. São Paulo: Contexto, 2014. pp. 111-153.

FILHO, Silvio Belmonte de Abreu. **Porto Alegre como cidade ideal**: planos e projetos urbanos para Porto Alegre. 2006, 357f . Tese (Doutorado)- Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da UFRGS. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/8600> >

FURINI, Vinicius Reis. **“Visita pitoresca ao Mato Sampaio”**: estigmas e representações sobre os “maloqueiros” do Mato Sampaio através da narrativa jornalística porto-alegrense (Década de 1950). 2018, 92 f. Trabalho de conclusão do curso de História (licenciatura). UFRGS. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/189297>>. Acesso em: 13 de novembro de 2021.

GIOVANAZ, Marlise. Em busca da cidade ideal: o planejamento urbanístico como objeto da História Cultural. **Anos 90**, Porto Alegre, n.14, 2000. pp.38-46.

GONÇALVES, Gonçalo Rocha. Para que servem as ruas? A acção do Estado na transformação dos usos do espaço público urbano (séc. XIX-XX). In: Ponto Urbe, 2, 2008. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/pontourbe/1906>>. Acesso em: 19 de novembro de 2021.

IORIS, Fabiana. **Com os olhos no futuro**: urbanização e modernidade no projeto editorial da Revista do Globo (1929-1935). 2003, 143 f. Dissertação (Mestrado em História)- Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS. Disponível: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/10423>> Acesso em: 25 de agosto de 2021.

LE MOS, Marília Roennau. **O urbanismo em Porto Alegre**: no jornal Correio do Povo durante o Estado Novo. 2009, 172 f. Dissertação (mestrado)- UFRGS, Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional, Porto Alegre, RS. Acesso em: 29 de setembro de 2021.

MARTINS, Marisângela. O comunismo e a União Soviética nas páginas da Revista do Globo (1930-1945). **História em Revista**, Pelotas, v.16, 2010. pp. 91- 113. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/HistRev/article/view/12243>> Acesso em: 25 de agosto de 2021.

_____. **À esquerda de seu tempo: escritores e o Partido Comunista do Brasil (Porto Alegre- 1927-1957)**. 2012, 340 f. Tese (Doutorado)- Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS. Porto Alegre, RS. Disponível: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/61721>> Acesso em: 25 de agosto de 2021.

MAUCH, Cláudia. Saneamento moral em Porto Alegre na década de 1890. In: MAUCH, Cláudia et al. **Porto Alegre na virada do século 19**: Cultura e Sociedade. Porto Alegre/Canoas/São Leopoldo: Ed. da Universidade-UFRGS/Ed. ULBRA/Ed. UNISINOS, 1994. p. 9-24.

MAUCH, Cláudia. **Ordem pública e moralidade**: imprensa e policiamento urbano em Porto Alegre na década de 1890. Santa Cruz do Sul: Edunisc/ANPUH-RS, 2004.

MONTEIRO, Charles. Políticas da memória: reformas urbanas e polêmica acerca das comemorações da fundação de Porto Alegre. In: POSSAMAI, Zita R. (org.). **Leituras da Cidade**. Porto Alegre: Evangraf, 2010. pp. 37-54

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 8, n.16, 1995, p. 177-328. Acesso em: 29 de setembro de 2021.

_____. Lugares malditos: a . **Revista Brasileira de História**. 1999, v. 19, n. 37, pp. 195-216. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-01881999000100010>>. Acesso em: 02 de outubro de 2021.

_____. **Uma outra cidade**: o mundo dos excluídos no final do século XIX. 1. ed. São Paulo: Editora Nacional, 2001.

_____. História e História Cultural. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

RAMOS, Paula V. **Artistas Ilustradores**: a Editora Globo e a constituição de uma visualidade moderna pela ilustração. 2007, 480 f. Tese (Doutorado)- Programa de Pós- Graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da UFRGS, Porto Alegre, RS. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/12110>>. Acesso em: Acesso em: 29 de setembro de 2021.

ROSA, Marcus Vinicius de Freitas. **Além da invisibilidade**: história social do racismo em Porto Alegre durante a pós-abolição (1884-1918). 2014. 312 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/928870>>. Acesso em: 12 nov. 2021.

SILVA, André Rodrigues da. **O Almanaque do Globo**: o primeiro veículo de comunicação impressa da Livraria do Globo como processo de difusão da cultura de almanaque no RS (1917-1933). 2019, 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFPEL. Porto Alegre, RS. Disponível: <<http://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/5626>>. Acesso em: 25 de agosto de 2021.

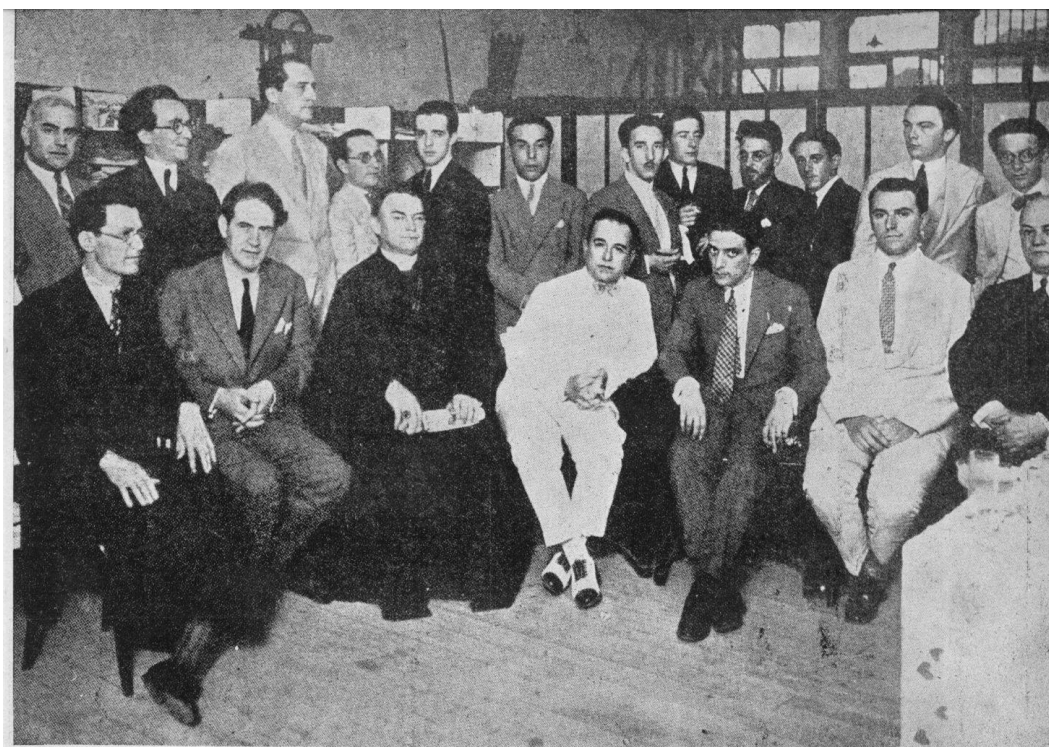
VELLOSO, Monica P. Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo. In:_____ **O Brasil Republicano**: o tempo do nacional estatismo- do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.pp. 145-180

VIEIRA, Júnia C.V. **As coleções da Editora Globo de Porto Alegre**: inovação e ineditismo (1930-1960). 2017, 80 f. Dissertação (Mestrado em Letras)- Escola de Humanidades da PUCRS. Porto Alegre, RS. Disponível: <<http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/7421>>

WEIMER, Rodrigo de A. Gilda de todas as “cores”: construção de imagens racializadas das “vilas de malocas”. Porto Alegre, décadas de 1940 e 1950. In: OSÓRIO, Helen; XAVIER, Regina Célia Lima (org.). **Do tráfico ao pós-abolição: trabalho compulsório e livre a luta por direitos sociais no Brasil**. São Leopoldo: Oikos, 2018. p.495-528. (ebook)

ANEXO

ANEXO 1- "12 Anos de Vida"



REVISTA DO GLOBO

O MAGAZINE QUE APRESENTA
A MELHOR E MAIS
COMPLETA LEITURA
DO BRASIL

ANO XII

N.º 267

Porto Alegre, 13 de Janeiro de 1940

REVISTA DO GLOBO

13 - 1 - 1940

29

12 ANOS DE VIDA!

• Esta revista completa hoje o seu 12.º ano de vida ininterrupta! 12 anos que foram repletos de sérios obstáculos à sua continuidade, mas que ela pôde vencer, graças à preferência que o público brasileiro sempre lhe tem dedicado.

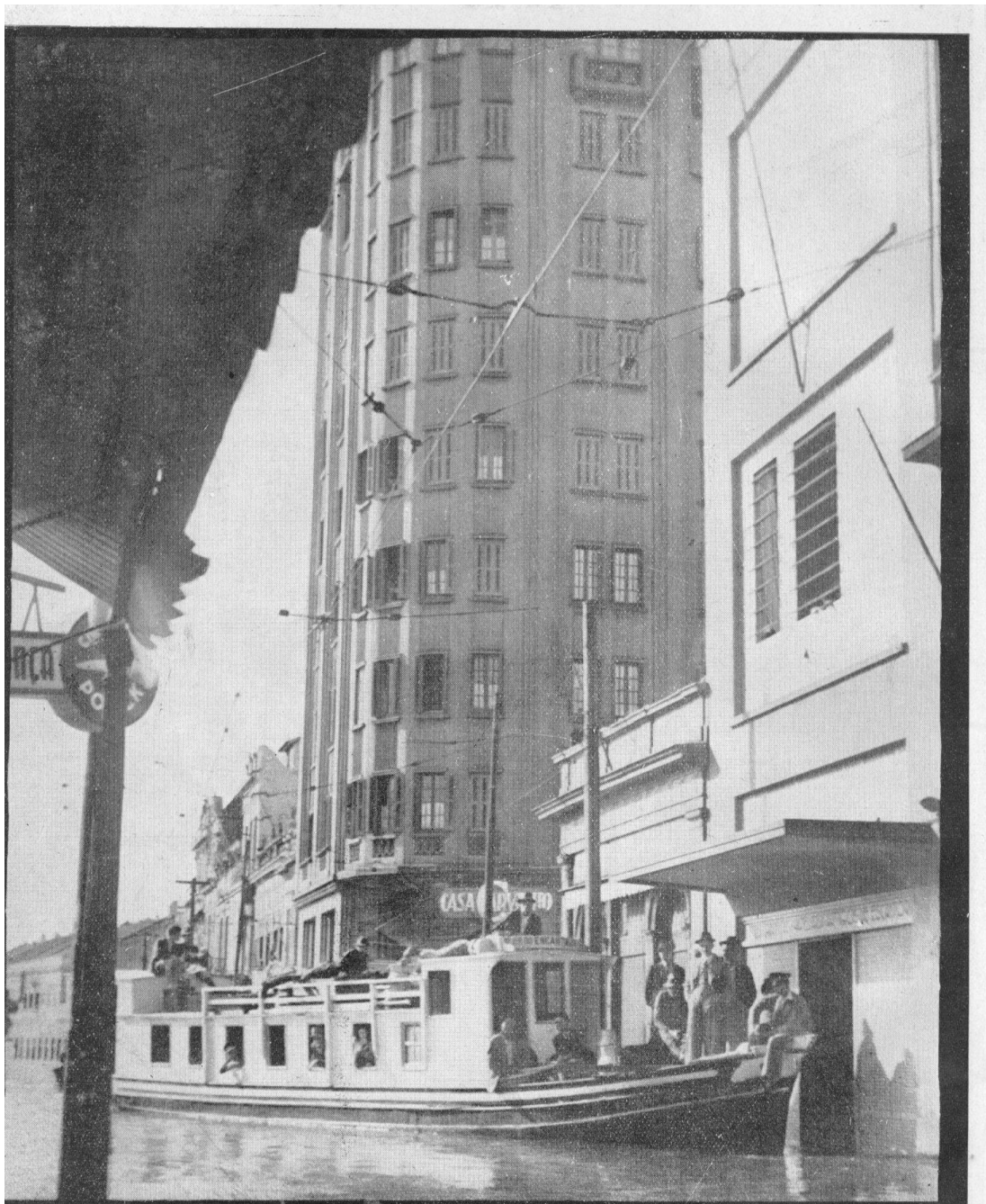
Ao fim desse tempo, sentimos não serem precisas grandes frases para dizermos que a "Revista do Globo" é hoje uma afirmação e ao mesmo tempo um reflexo da cultura e do progresso do nosso Estado.

Folheando os seus álbums (que ficarão expostos por uma semana aos seus leitores, na redação) encontramos registrada em suas páginas, a própria vida do Rio Grande.

A "Revista do Globo" de hoje, numa fase de completa renovação, apresenta-se com uma construção gráfica e uma orientação intelectual em justo acôrdo com a nossa época, tendo, por isso mesmo, transposto vitoriosamente as fronteiras do nosso Estado.

A fotografia acima marca o dia de sua fundação, na Livraria do Globo. Vêm-se, sentados, os srs. Mansueto Bernardi, fundador e primeiro diretor da "Revista do Globo", dr. Oswaldo Aranha, Arcebispo D. João Becker, Dr. Getúlio Vargas, então presidente do Estado, Fernando Caldas, então Diretor do "Correio do Povo", Osvaldo Rentzsch e José Bertaso co-proprietários da Livraria do Globo. — Em pé: João Pinto da Silva, dr. Pedro Vergara, dr. Paulo Hasslocher, Andrade de Queiroz, dr. Moysés Velinho, dr. Walter Sarmanho, desenhista Sotêro Cosme, escritor Athos Damasceno Ferreira, escritor De Souza Júnior, Sr. Francisco de Paula Job, João Fahrion e Angelo Guido.

ANEXO 2- Algumas páginas da edição sobre a enchente de 1941



OUTROS ASPECTOS DA ENCHENTE

A ENCHENTE do Guaíba proporcionou aos fotógrafos profissionais e amadores, oportunidades únicas de tomarem aspectos originais da capital do Rio Grande do Sul. A olhos estranhos, a fotografia acima talvez não constitua mais que um "um belo cartão postal"; mas ao portoalegrense conhecedor de sua cidade, acostumado a pisar sobre pa-

ralepípedos na esquina do Novo Hotel Jung, ela serve como uma recordação inesquecível de "uma enchente acontecida em maio de 1941", durante a qual, naquela esquina, os luxuosos automóveis foram substituídos por possantes barcos a motor, como o "Flor do Encantado", que chegou a navegar até a porta da Livraria Selbach.

Fonte: *Revista do Globo*, n. 295A, maio de 1941, p. 08. Disponibilizado digitalmente por DELFOS-PUCRS.



Como se fosse Veneza

QUANDO AS ÁGUAS, AUMENTADAS SORRATEIRAMENTE, ATINGIAM SUA ALTURA MÁXIMA, OS FOTÓGRAFOS EMPOLEIRAVAM-SE POR TODOS OS PONTOS ALTOS DA CIDADE PARA APANHAR FLAGRANTES DA ENCHENTE DE ÂNGULOS DIFERENTES E CURIOSOS. DO PALÁCIO DO COMÉRCIO FOI TIRADA ESTA FOTOGRAFIA DA PRAÇA PAROBÉ (em cima) PONTILHADA DE PALMEIRAS E COM O ESTRANHO ASPECTO DE UM RECANTO VENEZIANO. (Em baixo), PARALIZADO PELAS ÁGUAS, UM DOS HERÓICOS CARROS DA ASSISTÊNCIA PÚBLICA.





AS CONTRUÇÕES DA ILHA são, na maioria, de madeira. Por toda a costa vêm-se chalés revirados, de pernas para o ar, dolorosamente irreconhecíveis. O pequeno território da Pintada ficou devastado de ponta a ponta. Agora, mesmo sem lar, muitos pescadores reiniciaram sua penosa tarefa.

E ASSIM FICOU A ILHA DA PINTADA

A Ilha da Pintada, com seus 400 habitantes, ficou completamente submersa. Quase toda essa população é composta de pescadores. São pobres homens que ganham a vida com o espinhel ou a tarrafa. Muitas vezes, despedindo-se da família e saindo para a pesca, sobem rio acima 10 e 15 léguas e só retornam à casa uma semana ou duas depois. A canoa pode vir cheia de peixe, mas pode vir vazia também.

Por isso, os prejuízos ali decorrentes da inundação não foram avultados, mas foram mais graves, porque foram totais. A Ilha da Pintada, que já era uma colônia pobre, ficou reduzida a des-

qualquer, a reconstrução dos seus lares perdidos. São homens familiarizados com toda sorte de revezes. Mas o que agora lhes aconteceu, não foi um simples revez: eles tiveram suas casas destruídas, casas que eram o único refúgio de sombra que possuíam, e, com as águas, não desceram apenas os seus móveis e as suas criações, mas a própria cama em que dormiam e a única mesa em que almoçavam.

Muitos ficaram somente com a roupa do corpo.

Ainda hoje, quem visitar aquela colônia de pescadores, encontrará os des-

por ABDIAS SILVA

troços. E hoje, espalhados pelas casas dos vizinhos menos atingidos, abarracados em outros lugares, nas Pedras Brancas ou na cidade de Guaíba, os pescadores da Pintada sentem-se mais infelizes do que nunca, sem nenhuma outra perspectiva que não a de um possível auxílio do governo para a sua situação aflitiva. Conversei com alguns pais-de-família que me disseram não esperar propriamente auxílios diretos. Eles reconhecem que, desta maneira, não haveria dinheiro que chegasse para cobrir os prejuízos. Mas ficariam satisfeitos se lhes fosse facilitada, por meio de empréstimos ou outro sistema

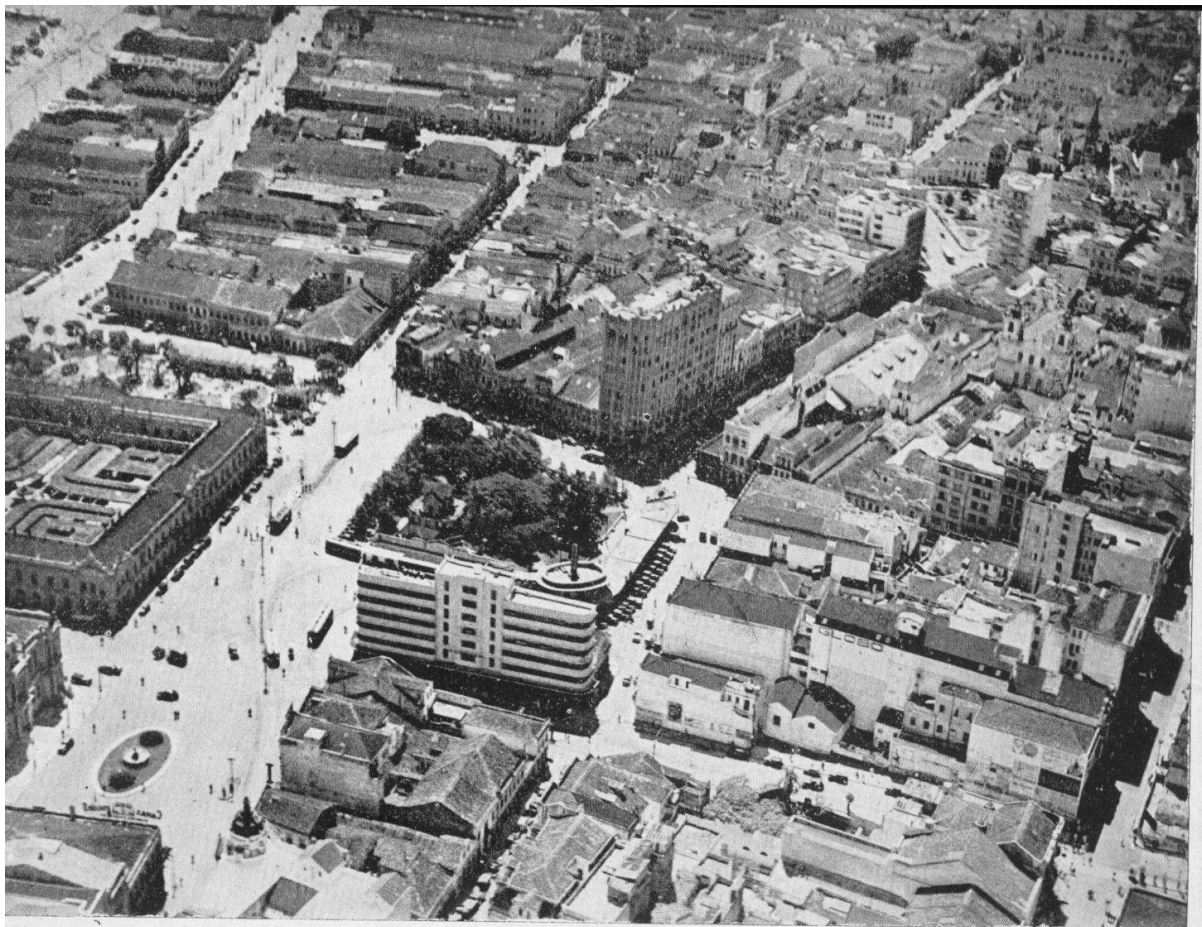
troços. Há quatro dias, quando lá estive, vi cadeiras e fogões espalhados pelos campos, colchões pendurados aos ramos das árvores e até encontrei, num monte de objetos recolhidos e expostos ao sol para enxugar, uma imagem de Nossa Senhora dos Navegantes desfigurada e roída pela ação das águas. Os pequenos estabelecimentos comerciais ainda retiravam mercadorias do fundo d'água. A maioria das casas que não foram abaixo mantém-se de pé por um verdadeiro milagre. Em muitas é preciso cuidado ao entrar, e outras foram ocupadas pelos morecos e aves noturnas que nela constroem seus ninhos.

ANEXO 3- Capa da edição especial sobre a enchente em 1941



Fonte: Revista do Globo, n. 295A, maio de 1941, capa. Disponibilizado digitalmente por DELFOS-PUCRS.

ANEXO 4- Continuação da reportagem sobre a “Remodelação de Porto Alegre”



O CENTRO DA CIDADE

A fotografia de cima, mostra a Praça 15 de Novembro, no centro de Pôrto Alegre, fronteira ao Mercado Público, onde vão ter a maioria dos bondes da cidade e onde termina a Avenida Borges de Medeiros, recentemente ampliada nesse local pelas demolições de prédios particulares, de acôrdo com a determinação da Prefeitura. Nas fotografias de baixo, vemos o Campo da Redenção, Faculdades de Medicina e Engenharia, zo-

na que sofrerá uma completa modificação, em obediência ao plano de remodelação da cidade. E' pensamento da Prefeitura transportar a "cidade universitária" para um arrabalde da capital. A grande área do "Parque Farroupilha" sofrerá uma modificação completa, devendo ser construído ali, um dos jardins mais belos da América. Esta obra já se encontra em estudos por engenheiros da Prefeitura.





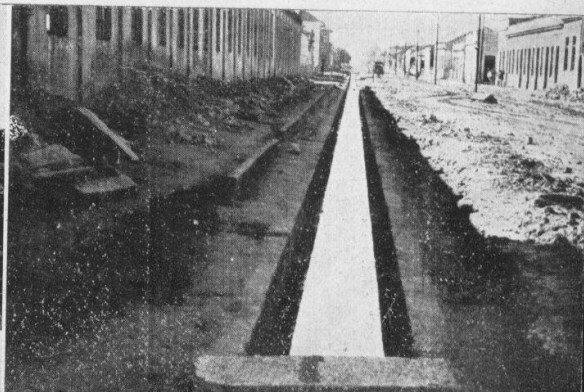
A expansão dos tanques hidráulicos e as canalizações e escoamentos nos arrabaldes

Na foto de cima, vemos uma das paisagens aéreas mais belas de Pôrto Alegre, o elegante arrabalde "Moinhos de Vento", com a Hidráulica Municipal ao Centro. À frente da Hidráulica, no local onde antigamente se instalava a Rádio Sociedade Gaúcha, a Prefeitura está cavando novos tanques para o reabastecimento de água potável à cidade. É uma das obras de grande importância, previstas pelo Plano de Remodelação de Pôrto Alegre.

Em baixo, na foto da esquerda, as obras, em atividade, da canalização e retificação do Riacho, sem dú-

vida, o maior mérito desse grandioso plano que Loureiro da Silva vem empreendendo. Na foto da direita, um dos canais de escoamento que estão sendo construídos em São João e Navegantes, para livrar êstes bairros das enchentes. Um perfeito labirinto de canais, espalhados por uma grande área, receberá as águas das chuvas e do Guaíba, devolvendo-as novamente ao rio em outro ponto da cidade.

Os charcos de São João e Navegantes já estão sendo aterrados, prevendo-se para muito breve o completo saneamento daquela importante parte da cidade.



A capital do Rio Grande do Sul marcha num progresso vertiginoso • Novas avenidas, novas ruas e novos logradouros nascem em todos os recantos de Pôrto Alegre • O bairro "Petrópolis"



lis" ligado ao centro por uma rua inteiramente calçada e servida por uma nova linha de bondes • Na avenida Borges de Medeiros erguem-se modernos arranha-céus.



Ao alto, uma vista impressionante do centro da cidade, vendo-se a Praça Senador Florêncio, edifícios públicos, Banco do Comércio, Correios e Telégrafos e Secretaria da Fazenda. Nas quatro fotos do centro, vista aérea de "Moinhos de Vento" com seus elegantíssimos bangalôs; Avenida Osvaldo Aranha e Parque da Escola de Engenharia; Avenida Borges de Medeiros que liga a "Cidade



Baixa" ao centro, notando-se o Viaduto que dá passagem à Rua Duque de Caxias e mais a admirável reta da Rua Marechal Floriano, paralela à Avenida; o Guaíba, o Cais do Porto e a cidade com seus edifícios alterosos. Na foto de baixo, um aspecto da nova Avenida Protásio Alves, recentemente remodelada, ligando "Petrópolis" ao centro da cidade, em continuação ao "Caminho do Meio".

ANEXO 5- Fotografias da nova filial da Livraria do Globo no Rio de Janeiro



Fonte: *Revista do Globo*, n. 286, 21 de dezembro de 1940, p. 36. Disponibilizado digitalmente por DELFOS- PUCRS.

ANEXO 6- Fotografias da 6ª Reunião do Conselho do Plano de Urbanização



Fonte: *Revista do Globo*, n. 272, 06 de abril de 1940, p. 38. Disponibilizado digitalmente por DELFOS- PUCRS.

ANEXO 7- Fotografias das máquinas e obras no Caminho do Meio



Fonte: *Revista do Globo*, n. 229, 28 de maio de 1938, p. 45. Disponibilizado digitalmente por DELFOS- PUCRS.

ANEXO 8- Fotografias da 4ª Reunião do Conselho do Plano Diretor



À esquerda: aspecto geral da mesa que dirigiu os trabalhos, vendo-se vários membros do "Conselho".
Em cima: O prefeito Loureiro da Silva, quando lia seu relatório, condizente com o grande programa de reforma da nossa capital.

A Atividade do Prefeito Loureiro da Silva

• Na quinzena finda, reuniu-se pela quarta vez o "Conselho do Plano Diretor", para a exposição do novo plano de urbanismo trazido pelo Dr. Gladosch do Rio de Janeiro, e referente à localização da estação da Viação Férrea, canalização do Riacho e urbanização do perímetro central da cidade.

• O povo de Pôrto Alegre, prestou significativa homenagem ao prefeito Loureiro da Silva, pela sua brilhante atuação no caso das Companhias Brasileiras de Forças Elétricas e Carris Pôrtoalegrense. As quatro fotos que terminam esta página, atestam a magnitude dessa manifestação de apreço popular merecidamente recebida pelo prefeito Loureiro da Silva.



Aspecto parcial da grande assistência que esteve na Prefeitura, afim de ouvir a exposição do Dr. Gladosch, sôbre esses assuntos importantíssimos para a vida da cidade, quais sejam, as localizações de vários estabelecimentos públicos.



Em cima: O prefeito Loureiro da Silva, quando, das sacadas da Prefeitura, agradeceu ao seu povo, a manifestação de apreço que recebia.

Em baixo: a grande massa que compareceu ao Largo da Prefeitura, para agradecer ao prefeito o êxito de seus empreendimentos, em prol da municipalidade.



Em cima: o Dr. Walter Jobim, falando ao povo, de uma das sacadas da Prefeitura, por ocasião da manifestação ao Prefeito.

Em baixo: o jornalista Salvador Bruno, dizendo o seu aplaudido discurso, em nome do povo pôrtoalegrense, ao prefeito Loureiro da Silva e o Sr. José Vecchio, falando em nome das classes trabalhistas.



ANEXO 9- Reportagem sobre o início das construções do Edifício SULACAP



DEPOIS DA ASSINATURA da ata pelas pessoas presentes, o Sr. Jacques Singery, gerente geral da Companhia, pronunciou substancial discurso em nome da diretoria da Sulacap. S. S. fez interessante retrospecto do desenvolvimento da capital através dos seus duzentos anos, para chegar às culminâncias do atual plano de urbanização e congratulou-se com os gauchos por este empreendimento.



USOU DA PALAVRA, em seguida, o Sr. José Cruz Medeiros, gerente administrativo do Departamento do Rio Grande do Sul, que pôs em realce a significação do "Edifício Sulacap" para o progresso de Porto Alegre, prendendo a atenção dos ouvintes com informes precisos sobre a pujança da carteira de títulos da Companhia, e agradecendo, por fim, o comparecimento de toda a seleta assistência.

ECONOMIA SOCIAL E URBANISMO

COM O ENTUSIASMO que lhe é característico falou, após, o prefeito da cidade, Sr. Loureiro da Silva. S. Ex. demonstrou, em eloquente improviso, o valor da construção que se vai erigir (à direita) e o embelezamento que a mesma trará para o centro urbano, dizendo que, como obra de loteamento de uma área apreciável, é a maior que se fez no momento em todo o Brasil.



A SUL AMÉRICA CAPITALIZAÇÃO S. A. E O PLANO DIRETOR DA PREFEITURA MUNICIPAL CONCRETIZAM O MAJESTOSO "EDIFÍCIO SULACAP" DE PORTO ALEGRE

REPORTAGEM DE
F. MENDES FILHO

A poderosa Sul América Capitalização S. A., com sede no Rio, constitui um elemento propulsor do progresso e urbanização das grandes cidades brasileiras, graças à sólida aplicação que sabe dar às suas reservas atuarialmente calculadas, que, pelo último balanço, ascendem a Cr\$ 400.000.000,00 e são seguramente invertidas, em parte, nas grandes construções que vem realizando no Rio, S. Paulo, Santos, Belo Horizonte, Juiz de Fora, S. Luiz do Maranhão, Fortaleza, Recife, Salvador, Campos, Curitiba, Goiânia e,

agora, na esplêndida realização do "Edifício Sulacap" desta capital.

Com o intuito primordial mentos estaduais de sedes de dotar os seus departamentos condignas, de modo a atender ao desdobramento vultoso dos seus negócios e aos interesses dos seus portadores de títulos que, em 14 anos apenas, sobem a mais de 300.000, totalizando a respetiva carteira de títulos em vigor a eloquente cifra de Cr\$ 4.000.000.000,00 — a diretoria da **Sul América Capitalização S. A.** vem executando esse vasto plano imobiliário tecnicamente traçado.

Desde maio de 1935 fôra deliberada a construção do alteroso "Edifício Sulacap" de Porto Alegre, cujo empreendimento será objetivado dentro em breve, depois das inevitáveis delongas em negócio de tal monta, relativo à aquisição do terreno de 1.600 m², já preparado na zona mais valorizada da cidade.

A escolha do local para a ereção do suntuoso edifício é de rara felicidade, — projetado para o ligeiro aclive da Av. Borges de Medeiros, da rua da Praia à Av. 10 de Novembro, numa extensão aproximada de 83 metros, formando angulos retos com aquelas artérias centrais — pelo aproveitamento de uma área apreciável sob o ponto de vista urbanístico e, consequentemente, pelo loteamento de toda a quadra até a rua Bragança.

A exemplo do que se faz nos grandes centros populosos, principalmente da América do Norte, França e Inglaterra, os conselheiros do Plano Diretor de ur-

banização e saneamento de Porto Alegre, de par com a boa vontade sempre manifestada pela diretoria da **Sul América Capitalização S. A.**, puderam estudar o melhor conjunto para a edificação da área escolhida e resolveram, assim, integralmente o problema urbanístico que se lhes ofereceu, de molde a contribuir para o embelezamento da velha parte central da cidade.

Foi deliberado também pela Companhia oferecer aos interessados a oportunidade de participar da valorização, cada vez mais crescente daquele local, pela compra de partes do edifício, que compreenderá diversos escritórios e apartamentos.

Os flagrantes fotográficos apanhados por ocasião do lançamento da pedra fundamental do "Edifício Sulacap", na tarde de 8 do corrente mês, que estampamos nestas páginas, constituem prova eloquente do alto prestígio social da **Sul América Capitalização S. A.** no meio gaúcho. A imponente cerimônia reuniu o mundo oficial da comuna é do Estado, representantes das classes conservadoras, do clero e da sociedade, tendo vindo especialmente do Rio para esse fim os Srs. Jacques Singery e Augusto Niklaus Junior, respectivamente, gerente geral da Companhia e superintendente geral das agências no Brasil.

Depois de oito anos de ingentes esforços, vencendo até as dificuldades antepostas pela guerra mundial, a Companhia vai dotar a urbs do seu mais suntuoso edifício.



PERSPECTIVA DO monumento que a "Sulacap" vai construir e que obedece ao plano de urbanização traçado pela Prefeitura Municipal, sendo o projeto de autoria conjunta dos arquitetos Srs. Roberto Copello e Arnaldo Gladusch, cuja execução foi confiada a firma Azevedo Moura & Gertum. O terreno é de 1.600 m².

Como acentuou o Sr. Singery, no discurso oficial pronunciado pela diretoria da pujante Companhia naquela solenidade, "graças à intervenção conscienciosa do ilustre prefeito da capital, com a assistência inteligente e técnica do Dr. Paulo de Aragão Bozano, tudo foi resolvido satisfatória-

mente, em notável obra econômico-diplomática, única na espécie em acórdos e permutas de terrenos, culminando pela remodelação total do quarteirão, consoante o estabelecido pelo decreto n. 294, de 28 de julho de 1942."

(Cont. na pág. 64)

MONSENHOR DR. JOÃO MARIA BALÉM, representante do Sr. arcebispo metropolitano, no momento em que aspergia água benta na pedra fundamental, tendo ao lado o Sr. cônego Luiz Vitor Sartori, que em expressivas palavras exalçou aquele momento religioso, invocando as bençãos divinas para o novo edifício.

O SR. JOSE' CRUZ MEDEIROS procedeu, por fim, à leitura da ata que, juntamente com o penúltimo número da "Revista do Globo", os jornais do dia e moedas da época, foi depositada numa urna colocada na pedra fundamental. S. S. está ladeado dos Srs. Augusto Niklaus Junior, superintendente geral da Sulacap, Nilo Lima Schmitt, inspetor geral no Rio Grande do Sul e do prefeito dr. Loureiro da Silva. Esta cerimônia reuniu todo o mundo oficial de Pôrto Alegre.



Fonte: *Revista do Globo*, n. 338, 24 de abril de 1943, p. 36-37. Disponibilizado digitalmente por DELFOS- PUCRS.